

UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ
DEPARTAMENTO ACADÊMICO DE LETRAS
CURSO DE LETRAS – PORTUGUÊS/INGLÊS

NATHALIA FERREIRA TERRES

**COMPARATIVISMO ENTRE ALICE E EMÍLIA: PONTOS E CONTRAPONTO
DAS PERSONAGENS DE LEWIS CARROLL E MONTEIRO LOBATO**

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

PATO BRANCO – PR
2018

NATHALIA FERREIRA TERRES

**COMPARATIVISMO ENTRE ALICE E EMÍLIA: PONTOS E CONTRAPONTO
DAS PERSONAGENS DE LEWIS CARROLL E MONTEIRO LOBATO**

Trabalho de Conclusão de Graduação
apresentado ao Curso de Letras
Português/Inglês da Universidade
Tecnológica Federal do Paraná
Câmpus Pato Branco como requisito
parcial à obtenção do título de
Licenciatura em Português/Inglês.

Linha de Pesquisa: Literatura
Comparada.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Mirian Ruffini

Coorientadora: Prof.^a Ma. Marcia

Oberderfer Consoli



Ministério da Educação
Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Câmpus Pato Branco
Departamento Acadêmico de Letras
Coordenação do Curso de Letras Português/Inglês



DEFESA PÚBLICA DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO
LETRAS - PORTUGUÊS/INGLÊS

FOLHA DE APROVAÇÃO

Autor(a): **NATHALIA FERREIRA TERRES**

Título: **Comparativismo entre Alice e Emília: pontos e contrapontos das personagens de Lewis Carroll e Monteiro Lobato.**

Trabalho de conclusão de curso defendido e aprovado em
23 / 08 / 2013, pela comissão julgadora.

Prof.ª Dra. Mirian Ruffini – UTFPR Pato Branco
Orientadora e Presidente da Banca

Prof.ª Ma. Marcia Oberdorfer Consoli – UTFPR Pato Branco
Coorientadora e Membro da Banca Examinadora

Prof. Dr. Wellington Ricardo Fioruci – UTFPR Pato Branco
Membro da Banca Examinadora

VISTO E DE ACORDO

Prof. Dr. Rodrigo Alexandre de Carvalho Xavier
Coordenador do Curso de Letras Português/Inglês

Prof.ª Ma. Rosângela Aparecida Marquezi
Responsável pelo Trabalho de Conclusão de Curso
Pato Branco, 23 de 08/2013.

A Folha de Aprovação assinada encontra-se na Coordenação do Curso.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, a Deus por ter me permitido chegar até esta etapa da vida pessoal, profissional e acadêmica.

A todo o corpo docente do curso de Licenciatura em Letras. Em especial, à professora Dr.^a Mirian Ruffini, quem me estimulou a buscar conhecimento científico, por sempre me orientar com tanta dedicação e paciência; à Ma. Marcia Oberderfer Consoli por abrir meus olhos acerca da temática abordada nesta pesquisa; e ao Dr. Wellington Ricardo Fioruci por inspirar o desejo de estudar literatura.

Aos meus pais e minha irmã que me incentivaram a estudar e a lutar pelos meus sonhos, por mais difícil que isso pudesse ser. Ao meu noivo por compreender minhas ausências, me apoiar e ouvir horas de desabafo.

As amigas que conheci ao longo do curso, por compartilharmos momentos de alegria, tensão, medo, ansiedade e, sobretudo, momentos de progresso, durante esses quatro anos.

É preciso correr muito para ficar no mesmo lugar. Se você quer chegar a outro lugar, corra duas vezes mais.

Lewis Carroll

RESUMO

TERRES, Nathalia Ferreira. Comparativismo entre Alice e Emília: pontos e contrapontos das personagens de Lewis Carroll e Monteiro Lobato. 2018. 52 f Monografia (Trabalho de conclusão de curso) – Curso de Licenciatura em Letras Português e Inglês, Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Pato Branco, 2018.

Esta pesquisa tem como objetivo comparar as personagens Alice e Emília, assim, estudando a possível influência do autor Lewis Carroll sob Monteiro Lobato. Dessa forma, foi usada como objeto de estudo as obras *Alice no País das Maravilhas* (2013) escrita por Lewis Carroll, *Reinações de Narizinho* (2016), *Memórias de Emília* (2016) e *A Chave do Tamanho* (2016) de Monteiro Lobato. Os métodos utilizados para a elaboração do estudo foram pesquisas em teorias; no que tange à literatura infantil: Hunt (2010), Lajolo e Zilberman (2010); a respeito da literatura fantástica, Todorov (2017); à literatura comparada: Carvalhal (1992) e Nitrini (2010); ao contexto de produção das obras Irwin (2010) e Lajolo (2006). Os resultados obtidos, por meio deste estudo comparativo, mostram que há intertextualidade entre as obras estudadas e que Alice e Emília apresentam semelhanças e disparidades entre elas. Portanto, é possível que a literatura de Carroll tenha influenciado Lobato.

Palavras-chave: Alice; Emília; Lewis Carroll; Monteiro Lobato; estudo comparativo.

ABSTRACT

TERRES, Nathalia Ferreira. Comparatism between Alice and Emília: contact points and diversions between Lewis Carroll and Monteiro Lobato's characters. 2018. 52 pages Monograph (Final Assignment) – Curso de Licenciatura em Letras Português e Inglês, Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Pato Branco, 2018.

This research aims to compare the characters Alice and Emília, by studying the possible influence the author Lewis Carroll under Monteiro Lobato. In this way, this study objects were the works *Alice in Wonderland* written by Lewis Carroll, *Reinações de Narizinho*, *Memórias de Emília* and *A Chave do Tamanho* by Monteiro Lobato. The methods utilized for the elaboration of the studies were researched in theories regarding children's literature: Hunt (2010) and Lajolo e Zilberman (2010); in respect of fantastic literature, Todorov (2017); concerning comparative literature: Carvalhal (1992) and Nitrini (2010); about works' production context: Irwin (2010) and Lajolo (2006). The results obtained through this comparative study show that there is intertextuality among the works studied and that Alice and Emília show similarities and disparities between them. Therefore, it is possible that Carroll's literature has influenced Lobato

Keywords: Alice; Emília; Lewis Carroll; Monteiro Lobato; comparative study.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
1 MONTEIRO LOBATO E LEWIS CARROLL: CRIADORES DAS PERSONAGENS EMÍLIA E ALICE.....	13
1.1 LEWIS CARROLL E SUA LITERATURA VITORIANA	13
1.2 CONTEXTO HISTÓRICO-SOCIAL DE MONTEIRO LOBATO E SUAS OBRAS.....	17
2. A LITERATURA INFANTOJUVENIL.....	22
3 PONTOS DE CONTATO E DIVERGÊNCIAS ENTRE AS OBRAS	31
3.1 RELAÇÃO ENTRE AS OBRAS DE LEWIS CARROLL E MONTEIRO LOBATO	31
3.2 LOBATO TRADUTOR	37
3.3 ALICE VERSUS EMÍLIA	39
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	48
REFERÊNCIAS	50

INTRODUÇÃO

A literatura infantojuvenil é de extrema relevância tanto no âmbito social quanto acadêmico. Primeiramente, ao ser escrita é levado em consideração seu público-alvo (crianças e jovens), cujo aspecto pode ser visível: na temática abordada, que costuma ser próxima à realidade desta faixa etária; nas ilustrações que, geralmente, acompanham as histórias infantojuvenis, as quais chamam atenção e o interesse dos leitores; e até mesmo nos personagens, que são, na maioria das vezes, crianças ou jovens. Dessa forma, a aproximação da literatura ao contexto de seu público-alvo faz com que o leitor se sinta motivado a fazer a leitura do texto na íntegra. Além disso, outra característica que deixa o leitor entusiasmado ao se deparar com essas obras é a presença do maravilhoso, que se resume em: seres irrealis, acontecimentos sobrenaturais e etc., assim, despertando o imaginário desses leitores, causando o encantamento.

Conseqüentemente, há inúmeras histórias pertencentes a este campo da literatura que se destacam. As narrativas mais conhecidas, ao longo das gerações, são os contos de fadas e contos maravilhosos, já considerados clássicos, tais como: *Cinderela*, *Branca de Neve*, *Chapeuzinho Vermelho*, *O Gato de Botas*, e entre outros; escritos por Charles Perrault e pelos Irmãos Grimm. Por outro lado, têm-se narrativas infantojuvenis mais longas, também reconhecidas mundialmente, como: *O Mágico de Oz*, escrito pelo americano Lyman Frank Baum; *Alice no País das Maravilhas* de Lewis Carroll; e *Reinações de Narizinho* de Monteiro Lobato.

Muitos são os autores que se destacam nesta área. Como objeto deste estudo foram tratados apenas os dois últimos escritores, citados no parágrafo anterior. No que se refere à Inglaterra, têm-se o escritor Lewis Carroll, o qual em 1865 escreveu a obra *Alice no País das Maravilhas* e é reconhecido mundialmente por essa narrativa; enquanto que no contexto brasileiro têm-se Monteiro Lobato, com muitas histórias narradas no Sítio do Picapau Amarelo, sendo que a primeira foi escrita em 1920, intitulada como *A menina do nariz arrebitado*. As personagens principais: Alice, da obra de Lewis Carroll, e Emília, dos livros de Monteiro Lobato, possuem inúmeras semelhanças físicas e

psicológicas, dentre elas o fato de serem figuras femininas aventureiras, que vão além dos padrões impostos pela sociedade nas quais estão inseridas.

É importante ressaltar que as obras foram escritas em contextos diferentes, visto que *Alice*, de Lewis Carroll foi elaborada durante a Era Vitoriana na Inglaterra, enquanto que os livros de Monteiro Lobato foram escritos desde 1920 a 1947, ou seja, as primeiras histórias foram criadas ainda na época da República Velha, no Brasil; também é necessário destacar que muitas delas foram escritas durante a segunda guerra mundial. Como exemplo têm-se *A chave do Tamanho*, publicada em 1942, que cita a guerra e o nazismo de Hitler, e além disso, a personagem Emília fica face a face com o ditador.

Dessa forma, para a realização deste comparativo, foi importante considerar a tradução realizada por Monteiro Lobato em 1936 da obra *Alice no país das Maravilhas*, pois por meio de suas escolhas tradutórias ele traduziu a Alice semelhante à Emília do Sítio, mais uma vez, deixando evidente a intertextualidade nessas obras e entre as personagens.

Monteiro Lobato traduziu a obra *Alice no País das Maravilhas* próximo ao período em que escreveu as suas histórias presentes nas obras: *Reinações de Narizinho*, *Memórias de Emília*, e, *A Chave do Tamanho*. Por isso, argumenta-se que é possível observar algumas semelhanças entre esses textos, assim como suas diferenças. Portanto, perguntamo-nos quais seriam os pontos de contato entre a obra de Carroll e as narrativas de Monteiro Lobato, evidenciados por meio das características e comportamentos das personagens Alice e Emília?

Este tema foi escolhido para realização da pesquisa por diversos motivos, desde o gosto pessoal à relevância no âmbito da literatura infantojuvenil, os quais serão descritos na sequência.

Primeiramente, as histórias contidas em *Alice no País das Maravilhas* despertaram atenção por seu valor literário e caráter instigante. O primeiro contato ocorreu no filme *Alice no país das Maravilhas*, dirigido por Tim Burton e lançado em 2010. Essa obra estimulou a leitura dos textos originários de Lewis Carroll, pois desde o início do curso de Letras o interesse em estudar essas obras em profundidade estava presente.

Em segundo lugar, as histórias narradas no Sítio do Pica-Pau Amarelo, por seu fácil acesso e representação em desenhos animados transmitidos pela rede Globo, marcaram a infância da pesquisadora.

Além disso, pode-se argumentar que tanto Lewis Carroll quanto Monteiro Lobato são autores reconhecidos mundialmente como canônicos da Literatura Infantojuvenil, e marcadamente pelas obras que são objeto de estudo desta pesquisa. Já foram realizadas diversas pesquisas sobre essas obras e as personagens principais, entre elas têm-se: a dissertação de Gustavo Máximo (2004) *Dois personagens em uma Emília nas traduções de Monteiro Lobato*, a qual investiga as traduções realizadas por Monteiro Lobato das obras: Pollyana, de Eleanor H. Porter, e Alice no País das Maravilhas, em que ele adapta as personagens principais à figura de Emília; a dissertação de Nathália X. Thomaz (2012) *Alice em metamorfose o grotesco e o nonsense em diálogo nas obras de Carroll e Svankmajer*, que se trata de um estudo comparativo da obra escrita por Carroll e adaptação para o cinema de Svankmajer. Dessa forma, é possível afirmar há trabalhos realizados sobre essas personagens, porém, há lacunas de conhecimento que podem ser preenchidas com este estudo.

Os resultados desta pesquisa poderão beneficiar os profissionais da educação, especialmente os professores de Língua Portuguesa e Inglesa, pois poderá lhes oferecer outra possibilidade, um novo olhar, para trabalhar literatura com os alunos da educação básica. Por se tratar de uma comparação entre personagens, uma Brasileira e outra Inglesa, aproxima o estrangeiro do nacional, assim, facilitando a inserção da cultura Inglesa no contexto escolar. Além disso, é possível ensinar os mais diversos conteúdos com base nos textos desse gênero.

Com a realização deste estudo, é apresentado à sociedade em geral, não apenas que a Literatura Inglesa é importante, mas sobretudo que a Literatura Brasileira é tão relevante quanto a Inglesa, uma vez que Monteiro Lobato também é reconhecido mundialmente por meio de suas obras infantojuvenis. Dessa forma, o propósito deste estudo é valorizar as obras nacionais, as quais, muitas vezes, são vistas como inferiores aos clássicos estrangeiros. Além disso, buscou-se estimular a leitura de textos tanto nacionais, quanto estrangeiros,

inserindo o leitor em culturas diferentes e fazendo com que ele conheça um pouco dos autores.

Conseqüentemente, este trabalho teve como objetivo principal buscar pontos de contato e diferenças entre as protagonistas femininas, Alice e Emília, nas obras infantojuvenis, *Alice no País das Maravilhas* de Lewis Carroll e as histórias do Sítio do Pica-Pau Amarelo, de Monteiro Lobato, no que tange às características pessoais de cada personagem. Além disso, buscou-se explorar as motivações para a produção das obras de Carroll e Lobato por meio da investigação sobre o contexto sócio-histórico dos autores; identificar as similaridades e diferenças entre as narrativas infantojuvenis de Lewis Carroll e Monteiro Lobato elencadas no que tange ao fantástico às metáforas e às alegorias; e, verificar a possível influência de Lewis Carroll nas obras de Monteiro Lobato por meio do cotejo entre as características físicas, psicológicas e intelectuais das personagens principais Alice, de Lewis Carroll, e Emília de Monteiro Lobato.

Este estudo se trata de uma análise comparada das obras *Alice no país das Maravilhas* do inglês Lewis Carroll, e *Memórias de Emília, Reinações de Narizinho, e A Chave do Tamanho*, narradas no Sítio do Pica-pau Amarelo, do escritor Monteiro Lobato. Esses livros foram escolhidos, pois são de grande relevância a este estudo, uma vez que há intertextualidade entre elas.

Portanto, para a concretização deste estudo foi realizada uma pesquisa bibliográfica, em teorias que fundamentaram e ancoraram os resultados apresentados pelo pesquisador ao longo da análise. “A pesquisa bibliográfica é desenvolvida com base em material já elaborado, construído principalmente de livros e artigos científicos” (GIL, 2002, p.44).

No que diz respeito à literatura comparada, foram utilizadas as teorias de: Nitrini (2010), com abordagens sobre literatura comparada ligadas às teorias dos polissistemas de Even-Zohar; e Carvalhal (1992) e (1995), que apresenta de maneira clara e dinâmica teorias e conceitos sobre essa área de estudo. No que tange à literatura infantojuvenil foi utilizado: quanto ao elemento fantástico na literatura, a concepção de Todorov (2017), que trata desse aspecto como um gênero, que abrange o estranho e o maravilhoso; Coelho (2000) com explicações sobre o que é a literatura infantojuvenil; Lajolo e Zilberman (2010) com

abordagens que apontam as funções da literatura infantil; Bettelheim (2016) que aborda alguns aspectos psicológicos da criança e da literatura produzida para ela; e Hunt (2010) com a crítica a Literatura Infantil. Para tratar das características dos objetos de estudo (livros) e de seus respectivos autores, utilizou-se de: Lajolo (2006) apontando os detalhes da vida pessoal e profissional de Monteiro Lobato; Lajolo e Ceccantini (2009) analisando e criticando livro por livro da criação infantojuvenil de Lobato; e Irwin (2010) com apontamentos sobre a filosofia presente na obra *Alice no País das Maravilhas*, de Lewis Carroll.

Logo, este trabalho está organizado da seguinte maneira. No primeiro capítulo são exploradas as motivações dos autores (Lewis Carroll e Monteiro Lobato) para escrever essas obras, bem como seu contexto sócio-histórico e literário de suas produções em estudo.

No segundo, abordam-se textos teóricos concernentes à literatura infantojuvenil, com os postulados presentes nos autores teóricos, ligados a esse âmbito da literatura, citados anteriormente. Ainda nesta parte do trabalho, inserem-se os estudos sobre o fantástico, cujos elementos se apresentam nas obras analisadas.

Por fim, no terceiro e último capítulo utiliza-se das teorias comparativistas da literatura e mais especificamente do conceito de “texto fonte” e “influência” para nortear o cotejo dos livros escolhidos para este estudo. Os textos de Nitri e Carvalhal são o embasamento para buscar, a seguir, nas personagens Alice e Emília, similaridades e as diferenças entre elas, vinculadas aos elementos fantásticos e maravilhosos nas histórias. Além disso, pesquisa-se a influência de Lewis Carroll nas obras infantojuvenis de Monteiro Lobato por meio das características físicas, psicológicas e intelectuais das personagens em estudo.

1 MONTEIRO LOBATO E LEWIS CARROLL: CRIADORES DAS PERSONAGENS EMÍLIA E ALICE

Para alcançar o objetivo desta pesquisa, é necessário ancorar-se não apenas em teorias, mas na base do estudo em geral. Sendo assim, são utilizados aqui estudos e concepções sobre a criação dessas narrativas, bem como das personagens Alice e Emília.

Então, este capítulo é dividido nas seções: Lewis Carroll e sua característica literária vinculada à literatura vitoriana; e o contexto histórico-social de Monteiro Lobato e suas obras. As seções tratam um pouco sobre a vida de cada autor, o contexto de produção de suas obras e em especial as personagens principais de cada obra analisada neste trabalho, as quais são o objeto de estudo desta pesquisa.

1.1 LEWIS CARROLL E SUA LITERATURA VITORIANA

Charles Lutwidge Dodgson, nascido em 1832, na Inglaterra, ficou conhecido como Lewis Carroll, pseudônimo adotado pelo autor por ser a tradução de seu nome Carolus Ludovicus, para o Latim.

Lewis Carroll foi um grande matemático. Formou-se em matemática pela Universidade de Oxford e, em seguida, foi nomeado professor nessa mesma instituição, onde lecionou por muitos anos. Durante esse tempo, Carroll aproximou-se do reitor de Oxford, Henry Georde Liddell, do qual se tornou grande amigo. Além disso, Carroll também conheceu as filhas de Liddell, criando vínculos com a família, e especialmente, com a pequena Alice Liddell, a qual inspirou o matemático a criar a sua famosa história *Alice no país das maravilhas* (*Alice in Wonderland*), a qual teve seu primeiro nome intitulado: *As Aventuras de Alice no Subterrâneo* (*Alice's Adventures Underground*), publicado em 1865.

A ideia surgiu em uma tarde de verão, quando Carroll e as três filhas do senhor Liddell estavam em um barco e lhe pediam para que ele contasse uma história. “*Alice* foi criada por Dodgsson para ela e suas irmãs, enquanto ele

estava remando sobre o rio Tâmisia”¹ (tradução da autora)* Dessa forma, “O personagem Alice foi baseado em Alice Liddell, uma garota real que Carroll conhecia e com quem passava algum tempo.” (IRWIN, 2010, p. 127).

Entretanto, há inúmeras discussões acerca do início da história, da relação do autor com a menina inspiradora, pois, muitos estudiosos acreditavam e ainda há quem acredite que Carroll, na verdade, havia se apaixonado por Alice Liddell. Gardner (2013, p. xiv) apresenta sua opinião quanto à essa discussão expondo a seguinte informação:

Havia uma tendência na Inglaterra vitoriana, refletida na literatura da época, a idealizar a beleza e a pureza virginal das meninas. Sem dúvida isso tornou mais fácil para Carroll supor que sua inclinação por elas se situava num elevado nível espiritual, embora evidentemente isto esteja longe de ser explicação suficiente para essa predileção.

Sob esse ponto de vista, ele retrata Alice Liddell, por meio da literatura, em *Alice no País das Maravilhas*. Esta é uma narrativa que se inicia com a Alice e a irmã sentadas à sombra de uma árvore. A irmã era casada e seguia os padrões de mulher impostos pela sociedade vitoriana, destarte, ela estava lendo para Alice até que ela pega no sono e começa a sonhar.

Em seu sonho, um coelho branco, segurando um relógio, passa por ali e ela o segue, até cair em um buraco profundo em cujo fim havia uma porta de entrada para um lindo jardim. Porém, a menina não consegue passar por ser maior que a porta, quando se depara com um bolinho escrito “coma-me”, pois que ao comê-lo ela diminui, tanto que fica perdida em seu vestido. Essa situação torna a acontecer mais vezes e ao chegar ao País das Maravilhas, a protagonista se depara com coisas desconhecidas. Ainda nesse lugar, ela fica frente a frente do perigo diversas vezes e, mesmo assim, não demonstra medo, mas sim muita coragem e curiosidade em conhecer mais e mais. Ao final da narrativa, ela acorda e se dá conta que estava dormindo, entretanto, não sabe distinguir se tudo aquilo foi real ou apenas um sonho, fantasia da sua cabeça.

Considerando alguns fatos apontados anteriormente, confirma-se que esta história foi escrita durante a Era Vitoriana (1837-1901), no reinado da rainha

¹ No original: “*Alice* was originally made up by Dodgson for her and her sisters while he was rowing them up the Thames in 1862. (ALEXANDER, 2007, p. 303).

* As traduções presentes nesta pesquisa foram realizadas pela autora.

Vitória, na Inglaterra (COELHO, 2000). Esse período ficou conhecido pelas mudanças intensas ocorridas em todo o Reino Unido, sendo que uma delas foi a revolução Industrial que com o passar dos anos atingiu o mundo todo. Com essa revolução, as crianças pobres enfrentaram a necessidade ou obrigação de trabalhar nas indústrias para ajudar a sustentar suas famílias, enquanto que as ricas tinham como obrigação serem bem-educadas. Sendo assim, elas eram condicionadas à educação rígida desde muito cedo, para que tivessem a habilidade de comunicação e conhecimento ainda na infância, como a própria personagem Alice demonstra essa realidade.

Dessa forma, afirma-se que as crianças eram tratadas como miniadultos na era vitoriana. As moças tinham como função casar-se e, portanto, eram direcionadas e preparadas para o casamento que era escolhido e obrigado pelos pais; as mulheres deveriam ser submissas a seus maridos e para aquelas de classe alta, a única atividade permitida era cuidar dos filhos. Além disso, “o que se esperava dela era que agisse como um ser frágil, prudente e fútil, a quintessência da inutilidade” (SILVA, 2005, p. 225). As mulheres que desobedeciam essas regras eram punidas de alguma forma, de acordo com Irwin (2010, p. 17) “a sociedade muitas vezes ridicularizava mulheres fortes, interpretando ações assertivas como agressivas e transgressoras. A mulher poderosa e autônoma, para alguns, pode parecer impetuosa, inconsequente, e rebelde para outros. ”

Dessa maneira, o livro *Alice no País das Maravilhas* está vinculado ao período vitoriano da literatura. Como qualquer momento literário, esse também contém características específicas, aborda um tema atual ao momento, conforme afirma Fletcher (1916, p. 218):

A literatura Vitoriana fala por uma época que testemunhou mudanças, comparavelmente maiores do que qualquer uma que tivesse ocorrido antes em todas as condições de vida – conforto material, conhecimento científico e, em termos gerais, no esclarecimento intelectual e espiritual.²

² No original: “[...] the Victorian literature speaks for an age which witnessed incomparably greater changes than any that had gone before in all the conditions of life--material comforts, scientific knowledge, and, absolutely speaking, in intellectual and spiritual enlightenment. (FLETCHER, 1916, p. 218).

Carroll faz o oposto, pois ao invés de ridicularizar o sexo oposto como a população em geral, ele cria a personagem Alice com esse caráter curioso, corajoso e aventureiro, considerado rebelde, ousado e desobediente pela sociedade vitoriana, “Alice rejeita e se liberta das características femininas estereotípicas; ela não está presa nos limites de papéis ou condições” (IRWIN, 2010, p. 16). O autor, por meio de outros personagens e acontecimentos ao longo da obra, faz alusão e até mesmo julgamentos a este reinado rígido, citado anteriormente. Por exemplo, a Rainha de Copas representa justamente a Rainha Vitória, “A mulher que deu seu nome ao século XIX” (SILVA, 2005, p. 224). Por isso, Gardner (2013, p. xix) certifica que:

Entre os livros escritos para crianças, não há um que requeira mais explicação que os livros de Alice. Grande parte de sua graça está entretecida com eventos e costumes vitorianos desconhecidos dos leitores americanos de hoje, e até dos leitores da Inglaterra.

Portanto, o Inglês expõe em sua obra características próprias da Inglaterra Vitoriana. “Na verdade, Carroll realiza em *Alice no País das Maravilhas* uma lúcida crítica aos costumes ou equívocos da civilização de seu tempo” (COELHO, 2000, p. 127, grifos do autor). Entretanto, o matemático vai além dessas críticas, visto que ele cria a protagonista sem o complexo de Cinderela, ou seja, sem a esperança de encontrar um príncipe para mudar sua vida. Ela não é apenas uma garota do período vitoriano que se aventurava, mas sobretudo, já pode ser vista como um molde da mulher do século XXI (IRWIN, 2010), pois ela é:

[...] uma garota confiante – e há uma maneira na qual sua disposição confiante pode também contar como uma de suas virtudes intelectuais desprovidas de *nonsense*. Alice tem uma confiança fundamental de que seus esforços para entender a realidade, mesmo na realidade às avessas dos mundos subterrâneo e através do espelho, serão recompensados. (IRWIN, 2010, p. 65, grifo do autor).

Como dito anteriormente, Carroll faz crítica à Era Vitoriana pelo enredo e personagens da obra. Alice é o símbolo principal contra a realidade criticada, uma vez que se mostra contrária ao que era esperado dela. Isso porque Alice é inteligente e consegue lidar com o *nonsense* apresentado por meio de personagens do mundo subterrâneo e em alguns diálogos ao longo da narrativa.

1.2 CONTEXTO HISTÓRICO-SOCIAL DE MONTEIRO LOBATO E SUAS OBRAS

José Bento Monteiro Lobato, chamado pelos familiares de Juca, nasceu no dia 18 de abril de 1882, em Taubaté, São Paulo. Teve acesso à educação de qualidade desde cedo, como aponta Lajolo (2006, p. 14):

As primeiras lições do menino Juca são em casa, com dona Olímpia, que o ensina a ler, escrever e contar. Depois disso, como era uso no tempo, um professor particular [...] encarregava-se de sua educação. É só mais tarde que Juca frequenta as raras e efêmeras escolas particulares de Taubaté.

Por ter acesso, Lobato sempre gostou de livros e era fascinado pela biblioteca de seu avô, o Visconde de Tremembé. Dessa maneira, em 1896 ingressou no Instituto Ciências e Letras, em São Paulo, entretanto, quando seus pais faleceram antes de ele atingir a maioridade e concluir o curso, seu avô ficou responsável por ele e suas irmãs, e exigiu-lhe que fizesse o curso de direito. O jovem amava as Belas Artes, porém, realizou o desejo do avô e matriculou-se no curso de Direito, contexto no qual conheceu novas pessoas e se inseriu em um clube literário, por meio de que mais tarde colaborou com o jornal Onze de Agosto, enviando alguns artigos sobre teatro.

Conseqüentemente, em 1904 formou-se em Direito e atuou por alguns anos na profissão, mas sempre manteve o amor pela literatura. Anos depois, seu avô, que era extremamente rico e dono de muitos hectares de terra, faleceu deixando a Lobato toda a sua herança, que decidiu ser fazendeiro até ter os meios suficientes para viver apenas da literatura. Infelizmente, com a primeira guerra mundial, em 1914, a fazenda sofreu prejuízo e, sem lucros, ele sentiu a necessidade de mudar os planos. Dessa forma, em 1917 mudou-se com sua esposa e seus filhos para São Paulo, onde publicou em 1918 sua primeira obra: *Urupês*, composta por contos que retratavam a figura do caipira brasileiro, por meio do personagem Jeca Tatu. E assim, iniciou-se a trajetória de Lobato como escritor e editor, pois nesta época ele era proprietário da editora Revista do Brasil. Ele também fundou a editora Companhia Gráfico-Editora Monteiro Lobato, entretanto, com apenas um ano essa editora veio a falir. Em virtude

dessas editoras, desde a abertura até a falência, ele fundou a sua literária destinadas às crianças e adolescentes, como pode ser observado na sequência:

É, no entanto entre a fundação e a falência da Editora que levava seu nome, que Monteiro Lobato engendra sua mais bela invenção: Sítio do Picapau Amarelo, cuja história começa a circular em 1921, ano de publicação de *A menina do narizinho arrebitado*, antecipada pela divulgação de alguns trechos da história na *Revista do Brasil*. (LAJOLO, 2006, p. 59, grifos do autor).

Este foi o marco inicial de Lobato na literatura infantojuvenil e hoje ele é reconhecido mundialmente por suas obras destinadas às crianças. Aliás, “Com esse sítio, Monteiro Lobato inaugura a literatura infantil brasileira” (LAJOLO, 2006, p. 60). Suas obras pertencentes a esse gênero são narradas no Sítio do Picapau Amarelo, local criado pelo autor considerando as suas experiências, visto que ele morou por alguns anos no interior, em um sítio.

A literatura infantil, desde seu aparecimento, na Europa moderna, mostrou preferência particular pelo mundo agrícola como local para o transcurso de ações. Isso se deve ao aproveitamento, desde o início, de narrativas folclórica ou contos de fadas de proveniência camponesa como matéria-prima para a (re)criação literária. (LAJOLO; ZILBERMAN, 2010, p. 61).

O autor, em todas as narrativas, deixa clara essa escolha espacial, ou seja, pela zona rural, a área agrícola específica é denominada como Sítio do Picapau Amarelo, conforme citado anteriormente. É importante ressaltar que, nesse período, início do século XX, estava ocorrendo no Brasil a transição do campo para a cidade, ao encontro da industrialização (LAJOLO; CECCANTINI, 2009, p.10). Nessa época, o país ainda vivia “a condição de país agrícola” (BIGNOTTO, 1999, p. 85) que era “posta em contraste com a condição urbana e industrializada da Inglaterra e da Alemanha” (BIGNOTTO, 1999, p. 85). As histórias que foram retratadas neste espaço contam com alguns personagens fictícios, tais como: Emília, a boneca de pano feita pela Tia Nastácia que se transformou em pessoa, sendo ela o ponto chave das histórias, uma vez que é a figura mais importante dessas narrativas, por ter uma personalidade forte, marcada por inteligência, curiosidade e ousadia; Rabicó, o porco que anda sobre duas patas e fala; Visconde de Sabugosa, uma espiga de milho falante e inteligentíssima; o Saci-Pererê, menino afro-brasileiro de uma perna só, figura folclórica do Brasil.

De tal modo, “Monteiro Lobato aposta alto na fantasia, oferecendo a seus leitores modelos infantis – as personagens – cujas ações se pautam pela curiosidade, pela imaginação, pela independência, pelo espírito crítico, pelo humor” (LAJOLO, 2006, p. 60). Essa característica do autor, em sua literatura infantojuvenil, é encontrada especialmente na protagonista de suas histórias: Emília. Inicialmente, ela era apenas um brinquedo, uma boneca de pano produzida pela Tia Nastácia à Narizinho, mas, que no decorrer da história, engole uma pílula que dá a ela a capacidade de fala. Por meio da comunicação, a personagem mostra sua personalidade já nas primeiras palavras ditas: “Emília engoliu a pílula, muito bem engolida, e começou a falar no mesmo instante. A primeira coisa que disse foi: ‘Estou com um horrível gosto de sapo na boca!’. E falou, falou, falou, mais de uma hora sem parar” (LOBATO, 2016, p.40). Dessa forma, é possível observar que Emília é um personagem que fala demais, isso se confirma em todos os livros de Lobato; além disso, já se mostra crítica em ambos os sentidos: crítica em relação ao que é discutido, demonstrando sua opinião, e por reclamar, dando sua opinião negativa a algo.

Como já mencionado, Lobato foi o primeiro autor brasileiro a escrever literatura destinada para as crianças e ainda aproveitou para inovar a literatura nacional. Desse modo, ele inseriu em suas obras todos os gêneros textuais possíveis voltados às crianças, como: mito, lenda, e assim por diante, antecipando assim a literatura moderna no Brasil.

Todos esses gêneros, no entanto, têm, na obra de Lobato, um denominador comum, que é a anulação das fronteiras entre o real e o maravilhoso. Esse rompimento das convenções que separam a realidade do sonho é uma das características mais marcantes do Sítio do Picapau Amarelo e, para alguns estudiosos, tornaria Lobato antecipador do modernismo, no Brasil, e do realismo fantástico, na América Latina. (BIGNOTTO, 1999, p.109).

As histórias infantis criadas por ele estavam inseridas no período literário modernista, no Brasil (1922-1945), cujo aspecto é perceptível por meio das inovações jamais vistas na literatura brasileira, como essa fusão entre o maravilhoso e o real. Então:

O Sítio emerge em um momento ainda marcado pelo requinte, pela linguagem arcaica e pelas descrições características do estilo romântico, e contribui com a abertura modernista ao propor uma

literatura que refletisse a realidade nacional. Nesse sentido, foi no intervalo entre o Romantismo e o Modernismo que Lobato construiu sua obra. Textos marcados pela vertente fantástica, ou seja, pela presença criativa do sobrenatural, do verossímil, do inverossímil, da metafísica. Textos que partem de cânones da literatura universal como Carroll e Collodi e compreendem o impulso inicial para o fortalecimento da literatura infantil como arte. (LUIZ, 2003).

Essa é uma característica dos elementos fantásticos, foi influenciada por seus antecessores, conforme aponta Coelho, “Um dos achados de Lobato, tal como o de seus antecessores L. Carroll e Collodi, foi mostrar o *maravilhoso* como possível de ser vivido por qualquer um. Misturando o *imaginário* com o *cotidiano real*” (2000, p. 138, grifos do autor).

Esse aspecto de suas obras infantojuvenis não esteve presente na primeira obra *A Menina do Narizinho Arrebitado*, mas ele foi moldando-a e acrescenta-a a algumas outras histórias já escritas, até ser reeditada em 1931, inclusive, alterando-lhe também o título, que passou a ser: *Reinações de Narizinho*. Dessa forma, ele continuou a escrever utilizando esta fusão do maravilhoso e o real, presentes em todas narrativas escritas por ele: *Viagem ao Céu* (1932), *Emília no País da Gramática*, *Memórias de Emília* (1936), e entre outras, todas Narradas no Sítio do Picapau Amarelo.

É importante ressaltar que Lobato iniciou sua carreira como autor após a primeira guerra mundial (1914-1918), sobretudo escreveu alguns de seus livros voltados a crianças e adolescentes durante o período da segunda guerra mundial (1939-1945), como é o caso de *A Chave do Tamanho*. Esta obra foi escrita em 1945, conjuntamente com a guerra também havia o nazismo imposto por Hitler, quem exigia que os judeus da Alemanha fossem extintos, tentando manter a originalidade da raça ariana; por conta disso, esta narrativa retrata alguns dos problemas mundiais além de tentar solucioná-los.

Entretanto, Lobato não foi apenas escritor e editor, mas ao mesmo tempo adaptador e tradutor. Lajolo (2006, p.62) afirma que ele:

[...] consegue extraordinários efeitos de sentido ao fazer contracenar num cenário de jabuticabeiras, pintos-sura e ex-escravos pintando cachimbo tanto personagens fundadores da literatura infantil ocidental como Cinderela, Branca de Neve e Chapeuzinho Vermelho, como personagens da literatura infantil estrangeira contemporânea sua como Alice e Peter Pan.

Isto é, além de ser um ótimo autor, Lobato tinha a faculdade de traduzir literaturas estrangeiras, mas ao traduzir ele não apenas transferia palavras e ideias, sobretudo ele fazia com que o texto de partida estivesse o mais próximo possível do contexto de chegada (leitores brasileiros), adaptando os personagens para um contexto mais próximo dos seus. Por exemplo, em 1936 ele traduziu *Alice no País das Maravilhas* para o português brasileiro, no entanto, adaptou a personagem Alice, que já tinha algumas características semelhantes à Emília, mais próxima ainda de sua personagem, da cultura de chegada. Esse assunto será tratado com maior profundidade no capítulo 3 desta pesquisa.

2. A LITERATURA INFANTOJUVENIL

Este capítulo trata do gênero textual ao qual as obras em estudo, *Alice no País das Maravilhas* (2013), *Reinações de Narizinho* (2016), *Memórias de Emília* (2016), e *A Chave do Tamanho* (2016), estão vinculadas por meio de suas características, sendo elas narrativas infantojuvenis. Dessa forma, apresenta-se, primeiramente, o conceito geral de literatura, para depois abordar a definição específica da Literatura Infantojuvenil.

Além disso, explora-se o elemento irreal nesses textos, uma vez que as histórias em estudo contam com personagens maravilhosos, aspecto comum nas obras destinadas às crianças e adolescentes. Também há os fatos narrados com caráter absurdo e lógico ou ilógico, os quais são analisados e caracterizados por muitos teóricos como *nonsense*, termo amplamente discutido posteriormente.

A literatura é uma arte verbal subdividida em gêneros com inúmeras vertentes, as quais são classificadas de acordo com: contexto de produção, abrangência, público-alvo, tema e conteúdo abordado no texto. Costa (2007, p. 23) afirma que:

[...] a literatura tem por natureza uma profunda característica social [...] a literatura trata de assuntos e temas humanos, isto é, que têm relação com a vida humana (sentimentos, afetos, temores, desejos, vivências), mesmo que apresente personagens sob formas de animais ou objetos, pois eles representam a compreensão do ser humano sobre a realidade.

Como exemplo de uma dessas áreas apresenta-se a literatura infantojuvenil, a qual tem como público-alvo crianças e adolescentes e, assim, aborda temas que condizem com a realidade desta faixa etária. Ou seja, o que caracteriza a Literatura infantil é o seu público-alvo (HUNT, 2010). Assim, os escritores dessas obras devem criar os personagens, delimitar uma temática e criar o espaço condizente com a realidade de seus leitores. Por isso, as narrativas para crianças e adolescentes contam normalmente com um personagem principal dessa mesma faixa etária, como é o caso das histórias em estudo, visto que as protagonistas Alice e Emília também são crianças.

Além disso, contam com ilustrações, considerando o fato de que esses leitores são visuais, uma vez que estão estabelecendo seus primeiros contatos

com a capacidade de leitura e interpretação, desse modo desenhos que reforcem as ideias centrais do texto permitem um entendimento maior da história. Por isso, é necessário ter nessas obras imagens relacionadas à narrativa, para captar sua atenção. Em relação a esse aspecto, Lajolo e Ziberman (2010, p. 13) afirmam que:

Se a literatura infantil se destina a crianças e se acredita na qualidade dos desenhos como elemento a mais para reforçar a história e a atração que o livro pode exercer sobre os pequenos leitores, fica patente a importância da ilustração nas obras a eles dirigidas.

É de extrema relevância considerar as necessidades dos leitores para que eles possam viajar por meio do mundo da leitura, que lhes disponibiliza conhecimento e novas maneiras de ver e enfrentar a sua própria realidade. A literatura é uma representação do real, portanto, é comum que a criança, como qualquer outra pessoa, se identifique com a história, com algum personagem. Bettelheim (2016, p. 85) aponta que:

Para poder acreditar na história e tornar sua visão otimista parte de sua experiência do mundo, a criança necessita ouvi-la muitas vezes. Se, além disso, ela a representa, isso a torna muito mais “verdadeira” e “real”. A criança *sente* qual dos vários contos de fadas corresponde à sua situação interior no momento (com o qual é incapaz de lidar por conta própria) e também sente onde a história lhe fornece um ponto de apoio para poder enfrentar um problema difícil. (grifo do autor).

Portanto, a literatura infantojuvenil é fundamental para o desenvolvimento da criança, em virtude de abordar indiretamente questões psicológicas e mentais que influenciam na vida dos leitores. Além disso, essas ficções servem como porta de entrada para as demais, que hipoteticamente serão desfrutadas ao longo da vida desse leitor. Porém, infelizmente, no Brasil não se empreendem muitos estudos voltados a esta área, cujos trabalhos são recentes em sua maioria, diferentemente da realidade europeia, que conta com estudos aprofundados e relevantes da literatura infantil há muito tempo (LAJOLO; ZIBERMAN, 2010). Levando isso em consideração, observa-se que a literatura infantil é estigmatizada em certas culturas, sendo no Brasil também, por vezes, considerada marginal pela academia, em áreas que não costumam realizar pesquisas neste âmbito.

Em vista disso, é muito comum em discussões sobre Literatura Infantil encontrar suposições de que esta é inferior às demais literaturas, visto que esses estudiosos da literatura geral afirmam não ser a literatura infantojuvenil sustentável em termos linguísticos e filosóficos (HUNT, 2010). De fato, há muitos textos destinados a crianças que carecem de aprofundamento na riqueza da língua e nas marcas ideológicas. Entretanto, não se pode generalizar esse empobrecimento, uma vez que há diversas obras dessa gama, que são conhecidas mundialmente pela sua densidade e as camadas psicológicas nelas presentes, dando espaço para reflexão do leitor mirim, e até mesmo adulto. Como afirma Hunt (2010, p. 44):

A literatura infantil possui gêneros específicos [...] Existem obras de tamanha sutileza e complexidade que podem ser lidas com os mesmos valores de estilo e conteúdo que os “grandes livros” para “adultos” – na Grã-Bretanha, escritores como Lewis Carroll [...] entram nessa categoria.

Dessa forma “[...] não há razão para os livros para crianças ficarem de fora do cânone respeitável (como uma alternativa) ou não serem estudados com o mesmo rigor (que os outros).” (HUNT, 2010, p. 88). Além do mais, muitos são os autores que conseguiram escrever obras infantis e juvenis com êxito, como é o caso de Lewis Carroll, citado anteriormente, na sua narrativa em estudo *Alice no País das Maravilhas*, a qual é de extrema relevância nos estudos literários mundiais por seu caráter instigante e reflexivo. No contexto brasileiro de literatura infantil e juvenil, têm-se o escritor Monteiro Lobato, o qual conquistou o público de todas as idades, justamente pela riqueza e aprofundamento psicológico nas obras destinadas a estes leitores mirins. Em vista disso, é possível afirmar que há pontos de contato entre as obras infantojuvenis desses autores, as quais se tornaram indispensáveis na formação intelectual, literária e crítica dos estudantes.

Por consequência, nesta pesquisa são tratadas as obras *Alice no País das Maravilhas* (2013) de Lewis Carroll, *Memórias de Emília* (2016), *Reinações de Narizinho* (2016) e *A Chave do tamanho* (2016) escritas por Monteiro Lobato, todas de literatura infantojuvenil. “Na literatura infantil/juvenil, surge a tendência de se substituir o herói individual, infalível, ‘ser exceção’, pelo grupo, pela patota, formada por meninos e meninas [...] por personagens questionadores das

verdades que o mundo adulto lhes quer impor” (COELHO, 2000, p. 24). Todas as obras citadas anteriormente contam com uma personagem protagonista questionadora, sendo elas Alice e Emília, as quais são comparadas por meio de suas características físicas, psicológicas e intelectuais, assim como alguns elementos dessas narrativas.

Uma semelhança facilmente identificada nas obras que se encaixam nesta área da literatura, voltada para crianças e jovens, especialmente, as que estão sendo estudadas, é a presença de elementos fantásticos na história. “O fantástico se fundamenta essencialmente numa hesitação do leitor – um leitor que se identifica com a personagem principal – quanto à natureza de um acontecimento estranho.” (TODOROV, 2017, p. 165-166). Portanto, o fantástico não se trata apenas de elementos estranhos e maravilhosos em uma ficção, ademais é a reação do leitor durante a leitura dessas obras com esses elementos irrealis, ficando em dúvida se esse elemento é ou não real; assim, mais uma vez é notável a importância de preocupar-se com o leitor na produção das histórias infantojuvenis. Todorov (2017, p. 31) sustenta a ideia que:

O fantástico ocorre nesta incerteza; ao escolher uma ou outra resposta, deixa-se o fantástico para se entrar num gênero vizinho: o estranho ou o maravilhoso. O fantástico é a hesitação experimentada por um ser que só conhece as leis naturais, face a um acontecimento aparentemente sobrenatural.

O fantástico, o maravilhoso e o estranho são aspectos facilmente encontrados nos livros de literatura infantojuvenil, por despertarem a atenção e a curiosidade do seu público-alvo: crianças e adolescentes, uma vez que o leitor se depara com algo diferente de sua realidade, questionando-se se aquele acontecimento ou personagem faz parte de seu mundo cotidiano. Estes elementos desenvolvem a imaginação dos leitores, além de apresentar novas maneiras de ver o mundo, o seu mundo interior. No que se refere ao interior do ser, Bettlheim (2016, p. 57) argumenta criando laços entre as histórias infantis e a realidade de seus leitores, utilizando como exemplo os contos de fadas:

É verdade que essas crises psicossociais de crescimento são imaginativamente exageradas e simbolicamente representadas nos contos de fadas como encontros com fadas, bruxas, animais ferozes ou personagens de inteligência e astúcia sobre-humanas - mas a humanidade essencial do herói, apesar de suas estranhas

experiências, é afirmada pelo lembrete de que ele terá que morrer como qualquer um de nós. [...]. Essa humanidade real sugere à criança que, seja qual for o conteúdo do conto de fadas, ele não é mais do que elaborações e exagerações fantasiosas das tarefas com que ele tem que se defrontar, dos seus medos e esperanças.

Embora o conto de fadas ofereça imagens simbólicas fantásticas para a solução de problemas, os problemas nele apresentados são corriqueiros: uma criança padecendo de ciúmes e discriminação de seus irmãos, como Cinderela; uma criança que é considerada incompetente por seu genitor.

Nesse excerto retirado do livro *A Psicanálise dos Contos de Fadas*, Bettelheim afirma que as narrativas infantojuvenis apresentam elementos e personagens fantásticos, considerados por ele até mesmo exagerados, os quais correm perigo e podem morrer a qualquer momento, fato que lembra o leitor da realidade do mundo humano por meio do fictício. É dessa forma que a criança vai aos poucos se entregando à história e encontrando-se nela, a ponto de se deparar com respostas aos seus conflitos.

As características das obras desse gênero descritas por Bettelheim também podem ser encontradas nas obras em estudo, uma vez que tanto Alice quanto Emília contam com uma inteligência e astúcia além do comum para as crianças dessa idade, e ambas acabam se encontrando com figuras surreais que causam estranheza ao leitor. Ademais, Emília não é uma criança comum, ela é uma boneca de pano que ganhou vida, representando por si, um fato fantástico. Sendo assim, essas narrativas são ricas em símbolos, e eles tem muito para nos explicar (GARDNER, 2013, p. 9).

Do mesmo modo, pode haver elementos e acontecimentos *nonsense* em uma narrativa, como acontece nas histórias que estão sendo abordadas neste estudo. De acordo com Silva (2005, p. 255):

O *nonsense* é uma vertente poética de raízes antigas e universais [...]. Ele foi particularmente popular no século XIX com os versos de Edward Lear (1812 –1888) e Lewis Carroll (1832 – 1898) [...] O *nonsense* está muito presente em dois clássicos da literatura infantil, ambos de Lewis Carroll: *Alice's Adventures in Wonderland* (1865) e *Through the Looking Glass* (1872). Nestas duas obras, o *nonsense* segue uma regra planejada e precisa que critica o racionalismo vitoriano.

Para entender um pouco melhor essa palavra, buscou-se o seu significado em um dicionário. Segundo o dicionário de língua portuguesa Houaiss, o termo *nonsense* significa: “1 frase, linguagem dito, arrazoado etc. desprovido de significação ou coerência; absurdo, disparate 1.1 CINE LIT filme

ou escrito que recorre a elementos surreais, a situações ilógicas, absurdas, etc. [...] <o n. em *Lewis Carroll*>. (2001, p. 2026, grifos do autor). Consequentemente, o termo nonsense relaciona-se com absurdo. Irwin (2010, p.166) aponta que: “A palavra ‘absurdo’ vem do latim *absurdus*, que significa fora de sintonia.” Ou seja, todo e qualquer elemento *nonsense* em uma narrativa é absurdo, uma vez que esse não está em sintonia com a realidade, o possível e o lógico, que apresenta situações consideradas impossíveis e desconhecidas no dia a dia dos leitores, causando hesitação a eles. Sendo assim, um elemento *nonsense* também é fantástico considerando a afirmação de Todorov acima, a qual afirma que o fantástico se materializa na reação do leitor.

Em razão de Gardner ter escrito a introdução e os comentários da história *Alice no País das maravilhas & Através do Espelho*, ele também pontua em suas observações questões sobre o *nonsense*:

Num certo sentido, o próprio nonsense é uma inversão sanidade-insanidade. O mundo usual é virado de cabeça para baixo e de trás para frente; torna-se um mundo em que as coisas tomam todos os rumos, menos os esperados. Temas de inversão ocorrem, é claro, ao longo de todos os textos nonsense de Carroll. No primeiro livro de Alice, a menina se pergunta se gatos comem morcegos ou morcegos comem gatos, e é informada de que dizer o que pensa não é o mesmo que pensar o que diz. Quando come o lado esquerdo do cogumelo, cresce; o lado direito tem o efeito inverso. (GARDNER, 2013, p. 306)

Então, é possível afirmar que as histórias de Carroll são marcadas pela presença do absurdo, de personagens e elementos sem lógica, visto que ao explicar e definir o *nonsense* os teóricos apresentam Lewis Carroll como autor principal ou exemplo dessa característica literária. “A escrita nonsense provoca a dicotomia, ao desconstruir a lógica a qual o leitor está acostumado por meio de jogos com a linguagem e com significados [...] os jogos de palavras remetem à ingenuidade infantil e aos conteúdos de sonhos” (THOMAZ, 2013, p. 56). Isso quer dizer que, ao utilizar esse recurso na escrita, o autor faz com que o leitor se sinta dividido ao tentar classificar o que está lendo, em: algo que tenha sentido (lógico) ou sem sentido (ilógico). Assim, este elemento também está ligado à literatura fantástica, na qual o maravilhoso e o estranho estão conectados ao fantástico, mesmo tendo algumas disparidades, conforme a citação abaixo:

O estranho realiza [...] a descrição de certas reações, em particular do medo; está ligado unicamente aos sentimentos das personagens e não a um acontecimento material que desafie a razão (o maravilhoso, ao contrário, se caracterizará pela existência exclusiva de fatos sobrenaturais, sem implicar a reação que provoquem nas personagens. (TODOROV, 2017, p.53).

De acordo com as teorias de Todorov sobre a literatura fantástica, observa-se que a obra *Alice no país das maravilhas* está totalmente ligada a este gênero, uma vez que conta com acontecimentos e personagens sobrenaturais de caráter maravilhoso, tais como: um gato azul que some no ar deixando para trás apenas a cabeça; a lagarta que além de falar, fuma narguilé; o Chapeleiro Maluco e seus amigos que estão presos eternamente, pelo tempo, na hora do chá; e até mesmo a chegada de Alice ao país das maravilhas.

Irwin (2010, p. 159) afirma que o Chapeleiro Maluco e a Lebre de Março “retornaram para um mundo em que o tempo é compreendido de acordo com as atividades, como a hora do chá”. Por isso, eles estão presos em um mesmo horário, conforme pode ser observado no capítulo sete, *A hora do chá*:

“E desde aquele momento”, continuou o Chapeleiro, desolado, “ele não faz o que eu peço! Agora, são sempre seis horas.”
 Alice teve uma ideia luminosa. “É por isso que há tanta louça de chá na mesa? Perguntou.
 “É, é por isso”, suspirou o Chapeleiro; “é sempre hora do chá, e não temos tempo de lavar a louça nos intervalos.”
 “Então ficam mudando de um lugar para o outro em círculos, não é?” disse Alice.
 “Exatamente”, concordou o Chapeleiro, “à medida que a louça suja.”
 (CARROLL, 2013 p. 58)

O Chapeleiro ao dizer “ele não faz o que peço”, o pronome “ele” está se referindo ao tempo, visto que ele é conhecido como personagem na história, sendo esse um fato absurdo, ou seja, *nonsense*, assim como os personagens presos eternamente na hora do chá, que dialogam de maneira irracional. Ao longo da narrativa, há diálogos que não fazem sentido ao leitor, em que os personagens não falam coisa com coisa, ou seja, apresentam falas desconexas ao momento e a fala dos demais falantes/receptores do ato comunicativo. Entretanto, essa é uma característica da literatura inglesa da época, conforme afirma Silva (2005, p.255) “A poesia *nonsense* da literatura vitoriana apresenta um jogo intencional de palavras que apesar de não ter nenhum sentido formal segue uma lógica interna”.

Por isso, Coelho (2000, p. 126) diz que: *Alice no País das Maravilhas* se encaixa no gênero infantojuvenil: “Escrito para crianças, este livro introduz o maravilhoso na própria realidade cotidiana e os funde de tal maneira que se torna impossível separarmos o que seria fantasia da personagem ou o verdadeiro real.” Desse modo, vai de encontro com o que Todorov (2017) afirma: esse tipo de narrativa, que é vista como fantástica, mas que ao fim é tratada como sobrenatural, está mais próxima do fantástico puro, pois tudo acontece sem uma explicação, sem ser racionalizado, o que preconiza a existência do sobrenatural.

Todavia, não somente Lewis Carroll criou de maneira proveitosa e encantadora seus personagens, acerca das características das narrativas infantis; Monteiro Lobato também apresenta personagens e elementos fantásticos, tais como: Visconde de Sabugosa, criado por tia Nastácia, feito de uma espiga de milho, o qual ganha vida e se torna o sábio do Sítio do Picapau Amarelo, uma vez que, domina conhecimentos científicos; Rabicó, um porco falante, o qual se casa com a personagem protagonista, Emília; a própria Emília, uma boneca de pano que ganhou vida por meio de uma pílula recebida de um peixe, chamado doutor Caramujo. Sobre estes fatos fantásticos e ao mesmo tempo estranhos Bignotto (1999, p. 139-140) afirma em sua dissertação que:

O fantástico passa a ser tratado como algo "natural" no cotidiano das personagens do Sítio, inclusive das adultas. Dona Benta e tia Nastácia vêem e ouvem Emília falando e se movendo; levam um tremendo susto, mas acabam se "acostumando" com a boneca. Essa "integração" do maravilhoso à vida ordinária das personagens - ou melhor, o tratamento que o autor dá ao extraordinário, que passa a ser visto como "ordinário" pelas personagens.

Como pode ser observado no trecho do livro *Reinações de Narizinho*: “Emília engole a pílula, muito bem engolida, e começou a falar no mesmo instante.” (LOBATO, 2016, p. 40). Ao voltar para o Sítio, Dona Benta questionou seus netos sobre o porquê de a boneca de pano estar sem vestido, e Emília protesta: “Culpa dela, Dona Benta! Narizinho tirou minha saia para vestir o sapão rajado – Disse Emília falando pela primeira vez depois que chegara ao sítio. Tamanho susto levou Dona Benta, que por um triz não caiu de sua cadeirinha [...]” (LOBATO, 2016, p. 43).

Levando tudo isso em consideração, finaliza-se este capítulo, afirmando que a Literatura infantojuvenil é de muita relevância para o desenvolvimento das

crianças leitoras, devido ao fato que a leitura de qualidade contribui para a formação psicológica e intelectual dos leitores; além disso, ela abre portas para a imaginação, sendo prazerosa à criança ou jovem. Também é importante destacar que, as obras, objetos de estudo nesta pesquisa, são leituras extremamente recomendáveis para as crianças, considerando que elas contam com um enredo que vai além das expectativas dos críticos literários e dos pequenos leitores.

3 PONTOS DE CONTATO E DIVERGÊNCIAS ENTRE AS OBRAS

Nesta seção são analisados os objetos de estudo deste trabalho: as personagens Alice e Emília. Dessa forma, inicialmente, é apresentado o quanto há de pontos de contato entre as obras de Carroll e de Lobato, uma vez que o primeiro é citado e tem seus personagens recriados nas narrativas infantojuvenis do segundo, deixando evidente a influência de um autor sob o outro.

Nesta seção também são abordadas as protagonistas infantis, as quais são comparadas, com o apoio dos estudos de literatura comparada, a fim de diagnosticar os aspectos semelhantes ou contrários entre elas.

3.1 RELAÇÃO ENTRE AS OBRAS DE LEWIS CARROLL E MONTEIRO LOBATO

No que diz respeito à literatura comparada, Tasso da Silveira, citado por Tania F. Carvalhal, afirma que “sua específica tarefa é apenas uma: estabelecer filiações entre obras e autores de um país e obras e autores de outro ou de outros países” (SILVEIRA, 1964, p. 36 apud CARVALHAL, 1992, p. 21). Portanto, a literatura comparada tem como função analisar duas ou mais obras, de um mesmo período ou não, pertencentes à mesma cultura ou a culturas diferentes.

Dessa forma, para realizar a pesquisa são comparadas várias obras, uma pertencente à cultura inglesa, *Alice no país das Maravilhas* (2013) de Lewis Carroll, e as demais oriundas do contexto cultural brasileiro, *Memórias de Emília* (2016), *Reinações de Narizinho* (2016) e *A Chave do Tamanho* (2016), narradas no Sítio do Picapau Amarelo, do escritor Monteiro Lobato. Em um primeiro momento o que se observa é que mesmo sendo obras diferentes, e histórias escritas em contextos sociais e históricos divergentes, existem muitas características semelhantes entre elas, por pertencerem ao mesmo gênero literário: o infantojuvenil.

Além disso, a intertextualidade é outra questão bem presente nas obras em estudo. Sandra Nitrini (2010, p. 157-158), teórica da literatura comparada, melhor explica essa terminologia no excerto a seguir:

Dentro do contexto de renovação dos estudos de literatura comparada, a partir da segunda metade do século XX, a teoria da “intertextualidade”, concebida por Julia Kristeva, foi recebida por muitos comparatistas como um instrumento eficaz para injetar sangue novo no estudo dos conceitos de “fonte” e de “influência”.

Portanto, afirma-se que há relação entre esses textos, uma vez que um é citado pelo outro diversas vezes, por ser fonte, conforme apresentado anteriormente, além de expor elementos em comum. Deste modo, é perceptível que foi criada uma história após a outra, e, que pode ter havido influência da narrativa antecedente sob a contemporânea. Em relação a influência, Nitri (2010, p. 121) pontua que:

O conceito de influência tem duas acepções diferentes. A primeira, a mais corrente, é a que indica a soma de relações de contato de qualquer espécie, que se pode estabelecer entre um emissor e um receptor. [...]

A segunda acepção é de ordem qualitativa. Influência é o “resultado artístico autônomo de uma relação de contato”, entendendo-se por contato o conhecimento direto ou indireto de uma fonte por um autor. A expressão “resultado autônomo” refere-se a uma obra literária produzida com a mesma independência e com os mesmos procedimentos difíceis de analisar, mas fáceis de se reconhecer intuitivamente, da obra literária em geral, ostentando personalidade própria, representando a arte literária e as demais características próprias de seu autor, mas na qual se reconhecem, ao mesmo tempo, num grau que pode variar consideravelmente, os indícios de contato entre seu autor e um outro, ou vários outros.

Enquanto que, sobre a intertextualidade Perrone-Moisés (2016, p. 42, grifo da autora) confirma que “A *intertextualidade* sempre existiu nas obras literárias, como citações, referências ou alusões a outras obras mais antigas ou contemporâneas”.

Conseqüentemente, Lobato, considerando o fato que Carroll foi seu precursor na literatura infantojuvenil, apresenta a intertextualidade em suas obras, desde seu primeiro livro narrado no Sítio do Picapau Amarelo, *Reinações de Narizinho*, conforme o excerto a seguir:

Uma vez, depois de dar comida aos peixinhos, Lúcia sentiu os olhos pesados de sono. Deitou-se na grama com a boneca e ficou seguindo as nuvens que passeavam pelo céu, formando ora castelos, ora camelos. E já ia dormindo, embalada pelo mexerico das águas, quando sentiu cócegas no rosto. Arregalou os olhos: um peixinho vestido de gente estava em pé na ponta do seu nariz.

Vestido de gente sim! Trazia casaco vermelho, cartolinha na cabeça e guarda-chuva na mão [...] (LOBATO, 2016, p. 12-13)

Lúcia, conhecida pelas pessoas próximas de sua convivência como Narizinho, pega no sono e acorda ao sentir que algo estava mexendo em seu nariz e depara-se com um peixinho vestido de gente, com uma cartola na cabeça. Uma situação similar acontece com Alice:

Alice estava começando a ficar muito cansada de estar sentada do lado da irmã na ribanceira, e de não ter o que fazer [...]. Assim, refletia com seus botões (tanto quanto podia, porque o calor a fazia se sentir sonolenta e burra) se o prazer de fazer uma guirlanda de margaridas valeria o esforço de se levantar e colher as flores, quando de repente um Coelho Branco de olhos cor-de-rosa passou correndo por ela. Não havia nada de tão extraordinário nisso; nem Alice achou assim tão esquisito ouvir o coelho dizer consigo mesmo: “Ai, ai! Ai, ai! Vou chegar atrasado demais!” [...]; mas quando viu que o coelho tirou um relógio do bolso do colete e olhou as horas [...] (CARROLL, 2013, p. 9)

Alice estava ficando com sono, mas desperta ao ver um coelho branco vestido com um colete, tirar do seu bolso um relógio e dizer que chegaria atrasado, o que deixa a menina intrigada com a situação; afinal trata-se de um animal vestido como gente e, além disso, fala e tem consciência do que está falando, considerando que ele diz estar atrasado ao olhar para o relógio. Por isso, afirma-se que há intertextualidade já no início da criação infantojuvenil de Lobato com a de Carroll, pois, em ambas as histórias as personagens estão em um ambiente aberto e acabam se sentindo com sono até que se deparam com um animal nada comum, ou melhor, um ser *nonsense*. Ademais, tanto o peixinho quanto o coelho, apresentaram-se com vestimentas e ações humanas. Após esse fato, tanto em *Alice* quanto em *Reinações de Narizinho* as personagens vão para um lugar sobrenatural, onde os animais apresentam características de pessoas, em virtude de cobrirem o corpo com vestimentas humanas e se comunicarem por meio da fala. Ao chegarem Alice, no País das Maravilhas, e Narizinho, no Reino das Águas Claras, os animais demonstram certo estranhamento em relação a essas personagens, como pode ser observado nas citações abaixo:

[...] o Príncipe bateu com a biqueira do guarda-chuva na ponta do nariz de Narizinho.
- Creio que é de mármore – observou.

[...] aquele besourinho de sobrecasaca não soube adivinhar que qualidade de “terra” era aquela. Abaixou-se, ajeitou os óculos no bico, examinou o nariz de Narizinho e disse:

- Muito mole para ser mármore. Parece antes requeijão.
- Muito moreno para ser requeijão. Parece antes rapadura – voltou o Príncipe.

O besouro provou tal terra com a ponta da língua.

- Muito salgada para ser rapadura. Parece antes... (LOBATO, 2016, p. 14)

Ao chegar ao Reino das Águas Claras, os animais que ali viviam tentaram descobrir o que era aquele ser, a personagem Narizinho, visto que eles não conheciam até então os seres humanos. Isso também acontece com Alice ao chegar ao País das Maravilhas:

A Lagarta e Alice ficaram olhando uma para outra algum tempo em silêncio. Finalmente a Lagarta tirou o narguilé da boca e se dirigiu a ela numa voz lânguida, sonolenta.

“Quem é você?” perguntou a Lagarta.

Não era um começo de conversa muito animador. Alice respondeu, meio encabulada: “Eu... eu mal sei, Sir, neste exato momento... pelo menos sei quem eu era quando me levantei esta manhã, mas acho que já passei por várias mudanças desde então.”

“Que quer dizer com isso?” esbravejou a Lagarta. “Explique-se!” (CARROLL, 2013, p. 38).

A Lagarta questiona Alice sobre quem ela é, e isso acontece não somente pelo fato de que ela não conhecia aquela criatura, mas porque ocorre um questionamento sobre identidade que deixa a menina sem saber o que responder, considerando que ela mudou diversas vezes após acordar. Assim, sendo um diálogo complicado, em que Alice não consegue mudar de assunto, conforme menciona Thomaz (2012, p. 86) “No livro manuscrito de Carroll, a conversa com a lagarta é longa e complexa. Alice acaba voltando ao mesmo ponto diversas vezes, em um labirinto linguístico”.

Entretanto, a lagarta não foi o único ser daquele País a questionar a menina por não a conhecer, isso também ocorre quando ela é interrogada por uma Pomba:

“Cobra!” arrulhou a Pomba.

“Não sou uma cobra!” disse Alice, indignada. “Deixe-me em paz!”

“Cobra, eu insisto!” repetiu a Pomba, mas num tom mais comedido, e acrescentou com uma espécie de solução: “Já tentei de todas as maneiras, e nada parece contentá-las!”

“Não faço ideia do que está falando”, disse Alice. (CARROLL, 2013, p. 43).

Os animais falantes com atitudes excêntricas de ambos os reinos, como é o caso da Lagarta que fuma Narguilé e o Príncipe Peixe que usa guarda-chuva, estranharam a presença das figuras femininas humanas, Alice e Narizinho. Visto que são animais sobrenaturais, uma vez que apresentam comportamentos humanos, eles podem ser considerados personagens fantásticos, sendo todos esses aspectos discutidos comuns entre essas obras. Por se tratarem de animais falantes, eles podem ser considerados alegóricos, conforme denomina Todorov (2017, p. 38):

Existem narrativas que contêm elementos sobrenaturais sem que o leitor jamais se interrogue sobre sua natureza, sabendo perfeitamente que não deve tomá-los ao pé da letra. Se os animais falam, nenhuma dúvida nos assalta o espírito: sabemos que as palavras do texto devem ser tomadas num outro sentido, que se chama alegórico.

Também é feita alusão ao texto de Carroll, ao tratar dos guardas do Reino das Águas Claras: “Esse guarda não passava de um sapão muito feio, que tinha posto de major no exército marinho [...]. Recebia como ordenado cem moscas por dia para que ficasse ali, de lança em punho, capacete na cabeça e a espada na cintura” (LOBATO, 2016, p. 17). A relação ocorre porque os guardas do reino são sapos, assim como o criado da Rainha Vermelha no País das Maravilhas, o qual vai até a casa da Duquesa para convidá-la para um jogo de croqué: “A porta foi aberta por um outro lacaios de libré, de rosto redondo e olhos grandes como um sapo; e os dois lacaios, Alice notou, tinham cabeleiras encaracoladas e empoadas à volta de toda a cabeça” (CARROLL, 2013, p. 45).

No entanto, não é apenas em *Reinações de Narizinho* que a relação entre os textos desses autores pode ser percebida. Em *Memórias de Emília*, Lobato, além de fazer mencionar a obra de Carroll, apresenta Alice como uma personagem de sua narrativa, a qual faz uma visita ao Sítio do Picapau Amarelo juntamente com outras crianças Inglesas para conhecer um Anjinho que havia caído do céu e ali estava. “Enquanto os dois discutiam, Emília se atracava com Alice do País das Maravilhas, que também viera no bando” (LOBATO, 2016, p. 62). Dessa forma, observa-se que o autor toma para seu texto um personagem que já existe em outro, por isso “Cabe ressaltar que o dialogismo e a intertextualidade na criação são recursos muito explorados por Lobato, levando-

o a apropriar-se de personagens como Hérculos, Alice, Branca de Neve, Peter Pan, etc.” (SPAGNOLI, 2014, p. 121). Além disso:

Talvez, esta simpatia pelo humor inglês seja a chave para entender a influência da literatura infantil inglesa sobre a produção para crianças de Lobato. Em seus livros infantis, ele não apenas subverte valores adultos de forma semelhante a Lewis Carrol [...], como apropria personagens destes autores ingleses, inserindo-as em histórias do *Sítio do Picapau Amarelo*. (BIGNOTTO, 1999, p. 159, grifos do autor).

Conseqüentemente, entende-se que a intertextualidade da obra Alice no País das Maravilhas nos textos infantojuvenis de Lobato acontece por provável influência de Carroll na literatura do modernista brasileiro, afinal de contas, ele apropria-se da personagem Alice. Emília Mendes (2009, p. 345), escreveu um capítulo do livro organizado por Lajolo e Ceccantini, e nesse seu texto, ela afirma que:

A coexistência de personagens de diferentes matrizes culturais, ao lado de um ser “celeste”, confere a esse livro de Lobato um forte lastro de intertextualidade, ao mesmo tempo que carnavaliza personagens de extração elevada como, por hipótese, é o anjo, saído de livros de religião. Tal mescla reforça a ideia de modernidade presente em Lobato, escritor dinâmico e inovador

Essa relação entre os textos vai além de criar personagens com características semelhantes, ou de apropriar-se deles, uma vez que a história do Inglês é citada na narrativa do brasileiro, como pode ser observado no trecho a seguir:

Eu que diminuí. Fiquei pequeníssima; e, como estou pequeníssima, todas as coisas me parecem tremendamente grandes. Aconteceu-me o que às vezes acontecia à Alice no País das Maravilhas. Ora ficava enorme a ponto de Alice não caber em casas, ora ficava do tamanho dum mosquito. (LOBATO, 2016, p. 30-31).

Nesse excerto, nota-se que Lobato, em *A Chave do Tamanho*, relata o que aconteceu com a Emília após pegar na chave do tamanho, diminuindo a estatura de todos os seres humanos da face da terra, inclusive a dela. Já com Alice foi um pouco diferente, pois ela encolheu após tomar uma bebida com a embalagem escrita: “Beba me” (CARROLL, 2013, p.13), que logo em seguida, ao sentir que algo estava acontecendo com ela disse: “Que sensação estranha! Devo estar encolhendo como um telescópio” (CARROLL, 2013, p.14). Além

desse acontecimento semelhante entre as personagens principais, Monteiro Lobato menciona o trabalho de Carroll o que sustenta ainda mais a intertextualidade.

Apesar de toda essa relação entre as obras, tratam-se de livros escritos em contextos sócio-históricos diferentes, considerando o fato que Monteiro Lobato é brasileiro, enquanto que seu precursor Lewis Carroll é inglês. Carvalhal (1995, p. 55) afirma que “[...] os estudos de literatura nacional (como aliás a própria produção literária brasileira) caracterizavam-se por manifestar através da constante referência ao estrangeiro”. Ou seja, a literatura brasileira, bem como os conhecimentos nesta área tiveram como influência a literatura estrangeira e seus estudos.

Acontece que Alice, apesar de datar de meados do século XIX, é o livro que apontamos como aquele que está na linha fronteira entre o paradigma pré e o paradigma pós-digital, possibilitando-nos não só trabalhar com as propriedades das Materialidades da Literatura em sua narrativa, como com a circulação dessa narrativa por diferentes mídias. Trata-se de uma história que permite ser atualizada por distintas gerações e possibilita o diálogo com textos literários de diferentes gêneros e épocas, bem como entre a literatura e outras artes e ciências [...]. Aliás, essa intermedialidade em que Alice se circunscribe denota o próprio papel do Comparatismo [...]” (ATHAYDE; PEREIRA, 2013, p. 119).

Portanto, a partir da história Alice no País das Maravilhas surgiram muitas outras inspiradas nela, como também adaptações para outras mídias. Dessa forma, é possível conjecturar que Lobato buscou em Carroll uma base literária para sua criação, embora, isso não quer dizer que o brasileiro tenha buscado apenas nesse autor traços da literatura imigrante.

3.2 LOBATO TRADUTOR

Outro aspecto a ser observado, que relaciona esses textos, além da intertextualidade, é a tradução da obra *Alice no País das Maravilhas* realizada por Monteiro Lobato em 1936. Afinal, “As relações entre os estudos de Literatura Comparada e tradução sempre foram estreitas [...] Isso porque a recepção do estrangeiro [...] sempre se constitui numa fecunda área de investigação da Literatura Comparada [...]” (CUNHA, 2005, p. 103). Uma vez que, de acordo com Cunha (2005, p. 105):

A tradução do que é estrangeiro/estranho para nós, em outras línguas, permite-nos, portanto, explorar e formular emoções e conceitos que, de outra forma, não vivenciariamos nem experimentaríamos: o ato tradutório continuamente amplia as fronteiras linguísticas e culturais das linguagens de cada um. Em si mesma, a tradução passa a ser uma forma revitalizada e revitalizadora da linguagem e do significado com suas formas de expressão.

Tais considerações nos levam à tradução como ato de formulação crítica, enquanto poderoso instrumento de indagação textual. Uma vez que traduzir envolve a leitura (recepção), interpretação (decodificação) e produção (reescrita) realiza-se enquanto crítica, porque pressupõe reflexão, com subsequente rearranjo da realidade.

Dessa forma, traduzir é a arte de recontar uma história partindo de um novo contexto social, histórico e cultural; levando em consideração, a interpretação, a opinião ou até mesmo crítica do tradutor em ação. E foi exatamente isso que Lobato fez como tradutor, considerando que, em sua tradução da narrativa *Alice*, ele não apenas transferiu palavras de uma língua para outra, como também adaptou a personagem Alice.

Apesar da tradução de Alice ser a mais conhecida, ela não foi à única tradução realizada pelo autor, que traduziu muitos livros. Outra obra traduzida por ele foi *Pollyana* de Eleanor H. Porter, na qual também fez mudanças durante o ato tradutório. Dessa forma, ele interveio na história, atribuindo outras características às protagonistas Alice e Pollyana por causa dos modos e ideias de Emília. (MÁXIMO, 2004, p. 2). Isso é verdadeiro, pois Emília, personagem principal de Lobato, era bem mandona e precisa, e “Estas mesmas características foram notadas tanto na Alice quanto na Pollyanna lobatianas” (MÁXIMO, 2004, p. 43).

Para melhor entender o processo tradutório é necessário mencionar alguns teóricos desse campo do conhecimento. Assim, de acordo com Venutti (2002) uma tradução pode ser estrangeirizadora ou domesticadora. A opção estrangeirizadora trata-se da tradução feita com o propósito de manter a ideia e os recursos linguísticos os mais semelhantes possíveis do texto fonte ou texto de partida, assim, ficando evidente, durante o ato de leitura, que se trata de uma tradução. Ao passo que, a tradução domesticadora se trata de uma versão que adapta o texto literário para a cultura de chegada, deixando a leitura mais fluida na língua alvo. Segundo Lanzzetti et. al (p. 17) “Os procedimentos de domesticação da realidade extralinguística implicam mudanças ou substituições

dos itens culturais e referências exóforas presentes no texto-fonte.” E, “Os procedimentos de domesticação do estilo pressupõem mudanças na estrutura estilística do texto-fonte para que se adeque à estrutura estilístico pragmática da língua-alvo” (LANZZETI ET AL. p. 11).

Desse modo, é possível afirmar que a tradução de *Alice* realizada por Monteiro Lobato é domesticadora tanto linguística quanto culturalmente, uma vez que ele adapta os recursos linguísticos e características dos personagens no processo tradutório. Conforme afirma Máximo (2004, p. 29):

Tanto na tradução de "Alice no País das Maravilhas" quanto em "Pollyanna", assim como em seu livro, Monteiro Lobato faz o emprego de interjeições e marcas lingüísticas, inversão de termos nas construções de orações, utiliza vocábulos regionais, emprega excessivamente superlativos e diminutivos, o que retrata a sua inquietação acerca das traduções realizadas, o seu interesse de levar ao público, em geral, uma obra que pudesse ser entendida e que acrescentasse o conhecimento de outras culturas.

Portanto, a tradução de *Alice no País das Maravilhas* realizada por Lobato sofreu um processo de domesticação ao aproximar a protagonista Alice para o contexto cultural e social de Emília, sua criação. Assim, “Lobato ao traduzir, lê com os olhos de Emília e a vê nos lugares das personagens dos textos originais [...] o compromisso de Monteiro Lobato não era só um projeto de tradutor, mas sim uma preocupação cultural” (MÁXIMO, 2004, p. 27).

3.3 ALICE VERSUS EMÍLIA

Em toda e qualquer obra literária há um personagem principal, quem faz a diferença em todo o enredo da história, uma vez que este que estará presente na maioria dos fatos narrados. Assim, Lewis Carroll na obra *Alice no País das Maravilhas*, apresenta Alice como protagonista, enquanto Monteiro Lobato, nos livros *Reinações de Narizinho*, *Memórias de Emília* e *A Chave do Tamanho*, conta com a boneca de pano, Emília.

Os protagonistas são os personagens com uma abordagem maior que os demais ao longo da narrativa, pois são eles que agem durante todas as partes constituintes do enredo: o conflito, clímax e o desfecho. Justamente por isso, eles são apresentados com maior profundidade, uma vez que deles são

exploradas características físicas, psicológicas e comportamentais, enquanto que os demais personagens da narrativa são muitas vezes apenas mencionados ou participam da história em alguns diálogos com os protagonistas.

Levando em conta essas características se observa a existência de dois tipos de personagens: um, é aquele personagem complexo, que se expressa de uma forma, mas que muda gradualmente, porquanto está sempre em constante transformação no decorrer da narração, ou seja, ele “será modelado aos poucos” (D’ONOFRIO, 2007, p. 78); por outro lado, o outro tipo de personagem é plano, uma vez que desde o início até o fim mantém traços específicos dele (D’ONOFRIO, 2007, p. 78). Portanto, é possível afirmar que as figuras femininas em estudo são personagens primárias e complexas, uma vez que são as mais importantes e que estão sempre passando por mudanças, evoluindo no decorrer da história.

Assim, como mencionado, a obra *Alice no País das Maravilhas* tem como protagonista a pequena Alice, a qual durante toda a narrativa apresenta ser muito questionadora, autêntica e inteligente. Pode-se afirmar que Alice é curiosa desde o início da história, quando ela segue o coelho, visto que tudo começa quando ela imagina e, logo em seguida, vê “um coelho com bolso de colete, [...] com relógio [...] e, ardendo de curiosidade, correu pela campina atrás dele.” (CARROLL, 2013, p. 9). Por meio desse excerto, nota-se que Alice é bastante curiosa, considerando que, por ver o coelho com algumas características sobrenaturais, decide segui-lo para saber quem era, de onde vinha e por que se vestia daquela maneira.

Ao seguir o Coelho, Alice cai em um buraco muito fundo, visto que durante a queda ela tem tempo para refletir sobre onde estava, para onde estava indo, assim, mostrando ao leitor um pouco mais de sua personalidade:

Caindo, caindo, caindo. A queda não terminaria nunca? “Quantos quilômetros será que já cai até agora? Disse em voz alta. “Devo estar chegando perto do centro da terra Deixe-me ver: isso seria a uns seis mil e quinhentos quilômetros de profundidade, acho...” (pois, como você vê, Alice aprendera várias coisas desse tipo na escola e, embora essa não fosse uma oportunidade muito boa de exhibir seu conhecimento, já que não havia ninguém para escutá-la, era sempre bom repassar) “...sim, a distância certa é mais ou menos essa... mas, além disso, para que Latitude ou Longitude será que estou indo?” (Alice não tinha a menor ideia do que fosse Latitude, nem do que fosse

Longitude, mas lhe pareciam palavras imponentes para se dizer.) (CARROLL, 2013, p. 10).

A partir deste trecho, logo no primeiro capítulo, é possível notar que Alice é bastante tagarela, pois conversa muito com si mesma. Durante a queda, a pequena faz questionamentos e apontamentos a ela mesma, uma vez que ela se questiona e ao mesmo tempo responde suas próprias perguntas, justificando ou tentando justificar sua opinião. Irwin (2010, p. 141) destaca que:

Alice persegue o coelho Branco e desce pela toca. Enquanto ela desce, suas perspectivas começam a mudar de modo significativo. Seu modo normal de pensar sobre o mundo é desafiado: seu modo de pensar sobre o tempo, espaço e a distância. [...] Os próprios fundamentos do que ela considera ser verdadeiro e real são questionados enquanto ela desce, desce, desce e se pergunta se ela atravessará a Terra.

É importante ressaltar que ela é muito curiosa, que sua curiosidade desperta em si o desejo de saber, tornando-a uma pessoa questionadora em relação à realidade a sua volta, assim, não aceita qualquer condição imposta para si. O próprio Carroll apresentou em sua narrativa claramente essa característica de Alice, inúmeras vezes, como os exemplos a seguir: “Alice notou, tinham cabeleiras encaracoladas e empoadas à volta de toda a cabeça. Sentiu muita curiosidade de saber o que era aquilo e, furtivamente, saiu um pouquinho do bosque para ouvir” (CARROLL, 2013, p. 45); “‘E de que eles são feitos?’ Alice perguntou, muito curiosa.” (CARROLL, 2013, p. 83). Com esses exemplos retirados da história, nota-se que Alice não consegue conter sua curiosidade e vai em busca do saber, como é o caso do primeiro exemplo, em que ela segue os lacaios para saber quem eram, pois, a aparência deles a deixou curiosa; no último, constata-se que ela é questionadora justamente por ser curiosa.

Algumas características de Alice podem ser igualmente encontradas na personagem principal do Sítio do Picapau Amarelo, Emília, a boneca de pano que se tornou humana:

Monteiro Lobato, nos livros que contam sua saga dos personagens do Sítio do Picapau Amarelo, deu especial importância à boneca Emília, personagem que surgiu como uma simples boneca de pano, feita de uma saia velha de Tia Nastácia, mas, que, aos poucos, foi ganhando espaço e se tornou a irreverente e atrevida Marquesa de Rabicó. (MENDES, 2009, p. 341).

Essa transformação ocorreu, mas, sem afetar a forte originalidade da personagem, como as autoras Marisa Lajolo e Regina Zilberman (2007, p. 79) apontam: Emília “se torna gente, após ter sido boneca de pano por certo tempo; mas a mudança não lhe altera a personalidade”, pois, sempre se apresentou com características humanas.

De tal modo, Emília, apesar de ter sido uma boneca de pano, também é muito questionadora, marcada com uma personalidade forte, assim como Alice. Isto pode ser evidenciado no excerto a seguir, retirado do livro *Reinações de Narizinho*, em que pode ser observado o quanto Emília é curiosa ao especular a Dona Aranha, costureira do Reino das Águas Claras, com cautela para que sua dona, Narizinho, não a visse, pois sabia que ela não iria gostar de sua atitude:

De modo que tudo aquilo virava e mexia e subia e descia e corria e fugia e nadava e boiava e pulava e dançava que não tinha fim... A curiosidade de Emília veio interromper aquele êxtase.

– Mas quem é que fabrica esta fazenda, Dona Aranha? – perguntou ela, apalpando o tecido sem que Narizinho visse. (LOBATO, 2016, p. 152).

Além disso, essa personagem feminina mostra-se muito inteligente no decorrer dos textos, bem como trata do valor da inteligência. Nesse contexto, a obra *A Chave do Tamanho* apresenta esse aspecto da Emília, através do momento em que ela e as demais pessoas precisam se adaptar ao mundo animal, para que consigam sobreviver após diminuírem o tamanho, por conta de uma das traquinagens da menina, na sequência ela diz: “Com a inteligência ou a astúcia, como fazem tantos insetos deste mundo. O Visconde já me explicou isso muito bem. Uma das melhores defesas, por exemplo, se chama mimetismo” (LOBATO, 2016, p. 107). Emília menciona essa capacidade humana e animal, considerando o fato que os animais utilizam-na para defender-se dos predadores, entre outros perigosos encontrados na natureza. Valente (2009, p. 463), em seu capítulo *A chave do mundo: o tamanho*, anexado ao livro organizado por Lajolo e Ceccantini, menciona que “Como professora, a protagonista dá lições de sobrevivência no mundo biológico, utilizando práticas ‘pedagógicas’ que deveriam resultar num rápido aprendizado”.

Ademais, ela conta que adquiriu o conhecimento sobre o assunto por meio do Visconde, assim, foi ele quem lhe ensinou e apresentou muitos experimentos.

Inclusive, além de ter-lhe transmitido conhecimento científico, ele passa a admirá-la por sua capacidade de reflexão: “Emília é filósofa’, pensou o Visconde, ‘e quando se põe a filosofar parece que tem um coração duro, mas não tem. Emília é filosoficamente boa” (LOBATO, 2016, p. 192).

Alice também precisa utilizar sua inteligência para sobreviver no País das Maravilhas, pois se depara com muitas criaturas estranhas: Gato Cheshire, que some deixando apenas seu sorriso no ar, o Chapeleiro Maluco, que é doido como o nome diz, uma Lagarta que fuma narguilé, entre outros. Eles são extremamente *nonsense*, dificultando a aproximação da menina e o diálogo com eles, sendo necessário o uso do raciocínio lógico, da inteligência da personagem, que soube utilizá-lo muito bem, caso contrário a história poderia ter um final trágico:

Alice estivera olhando por cima do ombro dela com certa curiosidade. “Que relógio engraçado!” observou. “Marca o dia do mês, e não marca hora!”

“Por que deveria?” resmungou o Chapeleiro. “Por acaso o seu relógio marca o ano?”

“Claro que não”, Alice respondeu mais que depressa, “mas é porque continua sendo o mesmo ano por muito tempo seguido.”

“O que é exatamente o caso do meu”, disse o Chapeleiro.

[...]

“Já decifrou o enigma?”, indagou o Chapeleiro, voltando-se de novo para Alice.

“Não, desisto”, Alice respondeu. “Qual é a resposta?”

“Não tenho a menor ideia”, disse o Chapeleiro.

“Nem eu”, disse a Lebre de Março. (CARROLL, 2013, p. 56)

Apesar da inteligência de Alice “[...] os argumentos que existem nesses curiosos mundos, ela não pode vencer – porque as criaturas estão constantemente afirmando, de uma forma ou de outra, que dois mais um é igual a mesma coisa diferente de três!” (IRWIN, 2010, p. 67). À vista disso, Alice está em um mundo ao qual não pertence, visto que ele é composto por uma sociedade sobrenatural que gira em torno do *nonsense*, sendo assim, a menina nunca vencerá as discussões, por mais sábios que sejam seus argumentos. Enquanto que Emília leva vantagem nesse aspecto, visto que discute com pessoas ou animais falantes, que seguem uma linha de raciocínio com sentido, a qual se faz mais próxima à sua inteligência e perspicácia.

A possível influência da história de Carroll nas obras lobatianas pode ser evidenciada em outro aspecto. O autor brasileiro utilizou a Alice como

personagem do livro *Memórias da Emília* “Emília se atracava com Alice do País das maravilhas, que também viera no bando. Alice estava torcendo o nariz a tudo achando que aquele sítio não parecia digno dum anjinho” (LOBATO, 2016, p. 62): Em sequência, Alice reclama da aparência do sítio, dizendo que o céu ideal para o anjinho é o de Londres, pois contém nuvens redondinhas e cita as riquezas que dariam ao anjo. Assim, uma discussão ocorre entre Alice e Emília:

– A senhora está muito enganada – rebateu Emília. – O anjinho anda muito satisfeito por aqui. Tem se regalado de brincar. Outro dia me disse que estava enjoado de nuvens redondas e não trocava todas as nuvens do céu por este pomar.
 – Disse isso por simples delicadeza – volveu Alice. – Os anjos são as criaturas mais delicadas que há. Mas se você entrar bem dentro da ideia dele, vai ver que está doidinho por ir conosco para a Inglaterra.
 – Pois daqui não sai, nem que o mundo venha abaixo! – gritou Emília. (LOBATO, 2016, p. 62).

Ao analisar essa citação percebe-se que tanto Alice quanto Emília são meninas com personalidades marcantes e fortes. Emília, com seu estilo muitas vezes de criança mal-educada, afronta Alice, que por sua vez, também não aceita opinião contrária e enfrenta Emília, embora se mostre mais educada que a boneca. Dessa forma, observa-se que ambas se mostram persistentes em sua opinião e defendem-na da melhor maneira possível, comprovando uma característica em comum entre elas: a criticidade. Elas sempre buscam expor suas opiniões, bem como persuadir quem está ao seu redor e, por isso, nesse fragmento do texto, elas argumentam uma contra a outra, defendendo seus pensamentos. “Isso comprova que a invenção não está vinculada à idéia do ‘novo’. E mais, que as idéias e as formas não são elementos fixos e invariáveis” (CARVALHAL, 1992, p. 54). Assim, como afirma a mesma autora, “ao lermos um texto, estamos lendo, através dele, o gênero a que pertence e, sobretudo, os textos que ele leu” (p. 55).

É importante que ao compará-las sejam levados em consideração não apenas os pontos semelhantes, mas também os distintos, pois, segundo Carvalhal (1992, p. 31):

Ao aproximar os elementos parecidos ou idênticos e só lidando com eles, o comparativista perde de vista a determinação da peculiaridade de cada autor ou texto e os procedimentos criativos que caracterizam a interação entre eles.

Sendo assim, além de semelhanças também é possível observar as diferenças entre as personagens, Alice e Emília. Afinal, se tratam de personagens criadas não apenas por autores diferentes, mas por outros contextos históricos e sociais.

Ao chegar ao mundo subterrâneo, Alice se comporta de maneira prudente, embora seja bastante curiosa a ponto de ir em busca de matar sua curiosidade:

A curiosidade de Alice, como seu desejo de descartar pré-concepções desmentidas, é uma importante virtude intelectual, embora uma que, no caso dela, provavelmente precise ser eventualmente temperada com maior exercício de prudência. (IRWIN, 2010, p. 65)

Alice se mostra curiosa durante a narrativa, embora, também apresente ser prudente em relação aos seres *nonsense* com que se depara no País das Maravilhas. Ela é prudente por dialogar com eles de maneira inteligente, cautelosa e educada, visando sobreviver em meio àquela loucura, como pode ser observado no excerto a seguir:

“O que é exatamente o caso do meu”, disse o Chapeleiro. Alice ficou terrivelmente espantada. A observação do Chapeleiro lhe parecia não fazer nenhum tipo de sentido, embora, sem dúvida, os dois estivessem falando a mesma língua. “Não o entendo bem”, disse, o mais polidamente que pôde. (CARROLL, 2013, p. 56)

A partir desse trecho é possível notar que ela não deixa de lado sua curiosidade. Entretanto é inteligente, e assim, sabe que deve agir com cautela diante desses seres fantásticos e sem sentido. Um exemplo é o Chapeleiro, que diz muito, embora quase nada que é dito por ele seja inteligível, e mesmo assim, ela o questiona. Dessa forma, deixa sempre evidente essa sua personalidade forte.

Por sua vez, Emília não costuma ser tão cautelosa como Alice ao se relacionar com os demais personagens, muitas vezes sendo até mal-educada com as pessoas. Isso é especialmente notável com relação à Tia Nastácia, a quem ela faz inúmeros xingamentos, inclusive se mostrando preconceituosa a respeito da cor da mulher. Evidencia-se, assim, essa questão por meio do fragmento da obra *Memórias de Emília*:

– Castigar nada! – berrou Emília. – Todas as aves são de Deus e no entanto não prendemos canários e sabiás nas gaiolas e comemos pombos assados sem que Deus se importe. Pense que Ele fica o tempo todo prestando atenção nas aves do quintal do céu? Tem mais que fazer, boba. Além disso anjo é coisa que há lá por cima aos milhões. Um de menos, um de mais, Deus nem percebe. Perdemos o anjinho por sua culpa só. Burrona! Negra beiçuda! Deus te marcou alguma coisa em ti achou. Quando ele preteja uma criatura é por castigo. (LOBATO, 2016, p. 125)

Além de tudo isso, a boneca apresenta outras características distintas a Alice, pois ela é mandona e interesseira, como pode ser observado no excerto a seguir, retirado do livro *A Chave do Tamanho* (LOBATO, 2016, p. 137):

Emília não se contentou com a janelinha aberta da cartola do visconde. Exigiu mais.

- Quero uma parte da rua e uma escadinha que vá da aba até essa porta. E também um assoalho, porque não hei de ficar pisando na sua cabeça.

O Visconde suspirou. Emília continuava a mesma mandona de sempre. Queria e acabou-se. Olhando em redor, em procura de materiais de construção, o obediente Visconde viu uma casca de laranja. Apanhou-a e com a lasquinha de quartzo recostou uma rodela do tamanho dum níquel grande que ajustou dentro da cartola. Era o assoalho. Em seguida fez uma escadinha de sete degraus, que ia da aba da cartola até a porta da rua. Emília ainda exigiu um corrimão na escada e uma cerca em redor da aba.

Entretanto, mesmo que haja diferenças entre Alice e Emília, comparando-as notam-se muitas semelhanças, uma vez que ambas, com características marcantes, são figuras determinantes nas obras. Isso ocorre porque Lobato, apesar de ser profundo conhecedor da literatura, ao escrever *Sítio do Picapau Amarelo*, beneficiou-se do ato de traduzir “Alice no país das Maravilhas”, o que muito provavelmente lhe influenciou positivamente na sua criação literária do gênero. Além disso, “Observamos que a forma empregada por Monteiro Lobato, tanto em sua produção infantil, quanto em sua tradução revela a contigüidade, existente entre Alice e Emília” (MÁXIMO, 2004, p. 32).

Portanto, neste trabalho é bastante possível evidenciar a influência de Lewis Carroll, visto que Monteiro Lobato escreveu histórias fazendo alusões à história de Lewis Carroll. Conforme Nitrini (2010, p. 184), embasando-se nas teorias dos polissistemas de Even-Zohar³, afirma que:

³ Itamar Even-Zohar, em sua teoria dos polissistemas, defende que os sistemas literários estão em contato com outros sistemas dentro das culturas e estes interagem entre si por meio da partilha e transposição de textos, de seus autores e das poéticas subjacentes.

Embora a literatura dominante tenha frequentemente prestígio, ela pode ser selecionada por questões extraculturais, como o domínio político, criando uma interferência inevitável ao impor sua linguagem e textos numa comunidade subjugada. O fato de a Inglaterra e a França estarem presentes em muitas literaturas sob seu domínio político se inclui nesta categoria, embora elas também tenham sido selecionadas por prestígio como literatura fonte por quase todas as literaturas do mundo.

Desse modo, assim como Nitrini aponta na citação acima, a literatura inglesa e francesa, como dominantes, foram precursoras das demais, uma vez que uma cultura influencia a outra.

Levando tudo isso em consideração, é possível afirmar que as obras contemporâneas apresentam aspectos encontrados nas clássicas, uma vez que as precursoras são, na maioria das vezes, o texto fonte das demais. Portanto, a obra do inglês Lewis Carroll desponta como uma das presumíveis bases para que o brasileiro Monteiro Lobato desenvolvesse o seu perfil de autor infantojuvenil modernista. Uma vez que, nas narrativas de Lobato é identificável traços de seu antecessor, evidenciados por meio, principalmente, das personagens Alice e Emília, as quais apresentam características e comportamentos em comum.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa teve como propósito analisar a relação entre as obras de Lewis Carroll, *Alice no País das Maravilhas*, e Monteiro Lobato com as obras *Reinações de Narizinho*, *Memórias de Emília* e *A Chave do Tamanho*, por meio das personagens Alice e Emília, visando descobrir se houve influência de um autor e sua respectiva obra sob o outro.

Essas obras pertencem à literatura infantojuvenil, a qual muitas vezes é menosprezada pelos estudos acadêmicos, embora, ela seja de extrema importância, considerando o fato de que é por meio dela que ocorre o primeiro contato das crianças e jovens com a literatura. Este gênero apresenta características que aproximam a história com a realidade do seu público alvo. Além disso, essas obras são destaques neste campo da literatura, uma vez que são lidas e estudadas mundialmente.

Carroll escreveu *Alice no País das Maravilhas* durante o reinado da Rainha Vitória, ou seja, na Era Vitoriana. Esse fator foi crucial para o contexto da obra, pois ele elaborou alguns personagens com base nesse reino, como também fez inúmeras críticas ao contexto social e político vivenciado neste período, na Inglaterra, ao longo de sua narrativa. Por outro lado, Lobato deu origem às suas histórias no século XX, mais precisamente, após a semana da Arte Moderna no Brasil que ocorreu em 1922, até a segunda guerra mundial (1939-1945), momentos que influenciaram na produção literária do autor considerado um dos precursores do modernismo, bem como, o fundador da literatura infantil no Brasil.

Dessa forma, para alcançar o objetivo deste estudo, foi realizada uma pesquisa bibliográfica, isto é, pesquisa em livros e estudos já realizados sobre o tema. Portanto, foram analisadas questões como: a intertextualidade entre as obras já citadas, a tradução realizada da obra de Carroll por Lobato, semelhanças e diferenças entre as protagonistas dessas obras, Alice e Emília; assim, buscando pontos de contato entre as histórias, uma vez que ambas apresentam elementos e personagens em comum.

No que tange à relação entre os textos, observou-se que há intertextualidade entre as obras em estudo. Lobato em cada uma de suas narrativas apresentou elementos que se relacionam com a história *Alice de*

Carroll, por exemplo: acontecimentos sobrenaturais; animais falantes, inclusive alguns que contam com características humanas. Lobato também faz menção à obra de Carroll e, até mesmo, apresenta Alice como uma de suas personagens em *Memórias de Emília*.

Ao comparar as personagens Alice e Emília, aliando ao estudo das teorias da literatura comparada, constatou-se que há pontos de contato entre elas. Sendo assim, é possível afirmar que ambas têm como característica a curiosidade e a inteligência. Essa particularidade pode ser evidenciada, por meio dos questionamentos e apontamentos por elas apresentados ao logo das obras, utilizadas nesta pesquisa. Isso ocorre, porque a curiosidade leva ao questionamento, e o questionamento a busca pelo saber.

Entretanto, além de semelhanças, também foram encontradas divergências entre essas personagens. Alice, é extremamente argumentadora ao dialogar com os seres com quem se depara no mundo subterrâneo, porém é cautelosa e prudente, afinal de contas, eles são seres *nonsense*, enquanto, Emília é mandona e, muitas vezes, demonstra ser mal-educada com as pessoas que discordam de suas ideias.

Também foi bastante relevante, ao longo da pesquisa, considerar a tradução de *Alice no País das Maravilhas* realizada por Monteiro Lobato, visto que o tradutor aproxima ainda mais a realidade das personagens Alice e Emília, ao traduzir Alice com algumas características específicas da Boneca de Pano

Levando tudo isso em consideração, é possível constatar que é muito provável que Monteiro Lobato sofreu influência da obra *Alice no País das Maravilhas* de Lewis Carroll em sua criação literária infantojuvenil.

Por fim, pretende-se, com a realização deste estudo, salientar que a Literatura Brasileira, sobretudo, a infantil, é tão importante quanto muitas outras obras reconhecidas mundialmente. Além disso, as histórias narradas no Sítio do Picapau Amarelo de Lobato também pertencem a esta gama de obras famosas. Ademais, os resultados desta pesquisa podem beneficiar os professores de Língua Portuguesa e Inglesa por apresentarem uma nova maneira de estudar essas histórias e os elementos que as compõem.

REFERÊNCIAS

ALEXANDER, Michael. **A history of english literature**. 2nd ed. New York: Palgrave Macmillan, 2007.

ATHAYDE, Aires Manaíra; PEREIRA, Paulo Silva. Outros Países das Maravilhas para Alice: novas perspectivas para a Literatura Comparada apresentadas a partir do estudo de caso de “Alice no País das Maravilhas”. In: _____ **Revista de Literatura Comparada**. São Paulo, n. 23, 2013.

BETTELHEIM, Bruno. **A psicanálise dos contos de fadas**. Tradução: Arlete Caetano. 32 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2016.

BIGNOTTO, Cilza C. **Personagens infantis da obra para crianças e da obra para adultos de Monteiro Lobato: convergências e divergências**. 1999. Dissertação (mestrado) Unicamp, Instituto de Estudos da Linguagem, 1999. Disponível em: <http://repositorio.unicamp.br/jspui/bitstream/REPOSIP/270120/1/Bignotto_CilzaCarla_M.pdf> Acesso em 16 mai. 2018.

CARVALHAL, Tania F. **Literatura comparada**. 2 ed. São Paulo: Ática, 1992.

CARVALHAL, Tania F. **Literatura comparada e literaturas estrangeiras no Brasil**. Revista brasileira de literatura comparada. São Paulo, n. 3, p. 55 – 65, 1995.

COELHO, Nelly N. **Literatura infantil: teoria, análise, didática**. São Paulo: Moderna, 2000.

COSTA, Marta M. da. **Metodologia do ensino de literatura infantil**. Curitiba: Ibpex, 2007.

CUNHA, Patrícia L. F. da. **Literatura comparada e tradução: releituras e recriações culturais**. Revista brasileira de literatura comparada. n. 7, 2005.

D'ONOFRIO, Salvatore. **Forma e sentido literário**. São Paulo: Ática, 2007.

FLETCHER, Robert Huntington. **A History of English Literature**. 1916 (pdf).

GARDNER, Martin. **Alice: Edição comentada/Lewis Carroll; ilustrações originais, John Tenniel; introdução e notas, Martin Gardner; tradução, Maria Luiza x. de A. Borges**. – Rio de Janeiro: Zahar Ed., 2013.

GIL, Antonio C. **Como elaborar um projeto de pesquisa**. 4 ed. São Paulo: Atlas, 2002.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de S. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

HUNT, Peter. **Crítica, teoria e literatura infantil**. Tradução: Cid Knipel. São Paulo: Cosac Naify, 2010.

IRWIN, William. **Alice no país das maravilhas e a filosofia**: cada vez mais e mais curioso. Tradução: Camila Zanon. São Paulo: Madras, 2010.

LAJOLO, Marisa. **Monteiro Lobato**: Um brasileiro sob medida. 2 ed. São Paulo: Salamandra: 2006.

LAJOLO, Marisa, CECCANTINI, João Luís (orgs). **Monteiro Lobato, livro a livro**: obra infantil. Uneso, 2009.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. **Literatura infantil brasileira**: histórias e histórias. 6 ed. São Paulo: Ática, 2010.

LANZZETI et al. **Procedimentos técnicos de tradução** – Uma proposta de reformulação. Revista do ISAT. n.7.

LOBATO, Monteiro. **A Chave do Tamanho**. 3 ed. São Paulo: Globinho, 2016.

LOBATO, Monteiro. **Memórias de Emília**. 3 ed. São Paulo: Globinho, 2016.

LOBATO, Monteiro. **Reinações de Narizinho**. 3 ed. São Paulo: Globinho, 2016.

LUIZ, Fernando Teixeira. **A produção de Monteiro Lobato**: Contribuições para a formação de professores a partir de uma leitura semiótica da ilustração d'o Saci. Dissertação (Mestrado) - Universidade Estadual Paulista Faculdade De Ciências E Tecnologia, Programa de Pós-Graduação em Educação, 2003. Disponível em: <
https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/92224/luiz_ft_me_prud.pdf?sequence=1> acesso em: 24 Mai. 2018.

MÁXIMO, Gustavo. **Duas Personagens em uma Emília nas Traduções de Monteiro Lobato**. Dissertação (Mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, 2004. Disponível em: <
http://repositorio.unicamp.br/bitstream/REPOSIP/269470/1/Maximo_Gustavo_M.pdf> acesso em: 14 mar.2018.

MENDES, Emilia. Memórias de Emília. In: LAJOLO, Marisa; CECCANTINI, João Luís. (orgs.). **Monteiro Lobato, Livro a Livro**. 4. ed. São Paulo: Editora UNESP, 2009.

NITRINI, Sandra. **Literatura comparada**: história, teoria e crítica.2010.

PERRONE-MOISÉS, Leyla. **Mutações da literatura no século XXI**. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

SILVA, Alexander Meireles de. **Literatura Inglesa para Brasileiros**: Curso completo de Literatura e Cultura Inglesa para Estudantes Brasileiros. 2 ed. Rio de Janeiro: Ciência Moderna Ltda, 2005.

SPAGNOLI, Camila R. de A. **Monteiro Lobato, o leitor**. Dissertação (Mestrado) – Universidade de São Paulo, Instituto de Estudos Brasileiros, 2014. Disponível em: <www.teses.usp.br/teses/disponiveis/31/31131/tde-03062014.../CamilaSpagnoli.pdf> acesso em: 14 de mai. De 2018.

THOMAZ, Nathália Xavier. **Alice em metamorfose**: O grotesco e o nonsense em diálogo nas obras de Carroll e Svankmajer. Dissertação (Mestrado) – Universidade, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, 2012. Disponível em: < <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8156/tde-30082012-121734/pt-br.php>> acesso em: 23 abr. 2018.

THOMAZ, Nathália Xavier. O grotesco e o nonsense de Alice: diálogos desafiadores nas produções culturais para crianças e jovens. **LITERARTES**, nº2, 2013. Disponível em: < <https://www.revistas.usp.br/literartes/article/download/62359/65161>> acesso em: 01 mai. 2018.

TODOROV, Tzvetan. **Introdução à literatura fantástica**. Tradução: Maria Clara Correa Castello. 4 ed. São Paulo: Perspectiva, 2017.

VENUTI, Lawrence. **Escândalos da Tradução**: por uma ética da diferença/Lawrence Venuti; tradução Laureano Pelegrini, Lucinéia Marcelino Villela, Marileide Dias Esqueda e Valéria Biondo; revisão técnica Stella Tagnin – Bauru, SP. EDUSC, 2002.